

## **SOBRE O REI JESUS**



Wellington Corporation

19.11-16: “E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça. E os seus olhos eram como chama de fogo; e **sobre a sua cabeça havia muitos diademas;**

Ora, ao Rei dos séculos, imortal, invisível, ao único Deus sábio, seja honra e glória para todo o sempre. Amém I Tm 1.17

A qual a seu tempo mostrará o bem-aventurado, e único poderoso Senhor, Rei dos reis e Senhor dos senhores; I Timóteo 6:15

E no manto e na sua coxa tem escrito este nome: Rei dos reis, e Senhor dos senhores. Apocalipse 19:16

<http://bibliaportugues.com/john/18-37.htm> Contudo, Pilatos lhe inquiriu: “Então, tu és rei?” Ao que lhe respondeu Jesus: “Tu dizes acertadamente que sou rei. Por esta causa Eu nasci e para isto vim ao mundo: para testemunhar da verdade. Todos os que pertencem à verdade ouvem a minha voz.” Jo 18.37

E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor Deus Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, **ó Rei dos santos (Basileus hagios)**. Apocalipse 15:3

Existem três palavras grafadas para este verso de Apocalipse nos diversos manuscritos do Novo Testamento – Hagios, Ages e Ethnón. As versões do verso são traduzidas na maioria das vezes como: basileus ethnón - Rei das nações. Outras usam o termo Ages, basileus ages - rei das épocas, tempos ou eras. E outras traduções tais como a King James inglesa e a Reino Valera espanhola, basileus hagios, ou Reis dos santos.

Os reis da antiguidade reuniam muitas vezes a função sacerdotal ou mágica aos suas responsabilidades como soberano. Os reis simbolizavam a ordem divina estabelecida na terra, os céus da antiguidade refletiam a ordem social vigente, e a estrutura dos governos de inúmeros povos, seus palácios, os dignitários e dignidades, os oficiais e as relações de poder e hierarquia das potências, potestades ou reinos da antiguidade refletiam o modo como se imaginava que as muitas divindades governavam a natureza. A família real antiga gozava de privilégios porque assumia para si uma ascendência divina, mítica que os relacionava aos deuses a quem serviam, ou que escolheram e que de certo modo, representavam. Não existia império ou organização política da antiguidade que não reivindicasse ou vindicasse seu poder como instituído de algum modo pelos poderes espirituais representados pelos deuses públicos ou nacionais, a maior parte regionais, que administravam os assuntos espirituais de um determinado clã, povo ou nação. Por isso os reis e sua família eram tido como intocáveis, dignos de veneração e mesmo adoração, possuidores dos bens e das propriedades, ou da maior parte ao menos, dos habitantes de uma nação. Muitas vezes

eram também senhores da vida e da morte, juízes máximos e com poderes inquestionáveis, tendo o domínio sobre uma nação onde até os que nela viviam eram também considerados como propriedade real. Sendo súditos e também bens, propriedade do rei o mesmo podia usar ou obrigar a qualquer pessoa a submeter-se a sua vontade e mesmo entregar sua vida, sendo a obediência ao rei uma obrigação acima de todas as obrigações, mesmo as familiares. O caráter mítico da família real da antiguidade lhe legava responsabilidades que eram também sacerdotais e mágicas. Por serem representantes maiores ou mais importantes entre os deuses e os homens, recaía sobre a maioria o sucesso ou a tragédia da comunidade. A natureza e sua ordenação, seu perfeito funcionamento estava conectado aos atos reais, à dignidade do rei e a nobreza de seus atos, assim como dos membros da família real. A chuva, a pesca, a boa colheita e até a saúde pública era fruto da benção sobre o soberano ou da maldição por ele lançada sobre a nação em virtude do não cumprimento de intrincados rituais. A perfeição espiritual do rei estava atrelada aos rituais prescritos, ao tipo de conduta pre-estabelecido por ordenação mágica ou religiosa da comunidade a que pertencia, não podendo se esquivar desses deveres rituais, para que a desgraça, a má-sorte, a praga, a ira das divindades ou o poder dos demônios assolasse uma nação. A vida do rei da antiguidade era regida por centenas de “tabus” ou atos mágicos proibidos. No caso de um rei, o tabu preserva a sua vida em benefício da sociedade, mas, ao mesmo tempo, protege a sociedade das emanções do poder mágico do rei que poderiam afetá-la, segundo o princípio de contágio. A “santidade” relativa do rei era ritualística, ou seja, um rei era consagrado a determinadas divindades tutelares, as quais devia respeito e comunhão espiritual, esse elo era fortalecido por participação em festas e celebrações especiais e em manjares oferecidos aos deuses de um tipo de comida preparada especialmente para essa finalidade, por meio de “sacerdotes padeiros, confeitores e cozinheiros”, a culinária nasce na verdade dentro dos templos pagãos da antiguidade. Os romanos, como outros povos, atribuíam à imoralidade sexual tendência a prejudicar os frutos, tanto da terra como do ventre. Essa dedução é fortalecida por um preceito estabelecido por austeros autores romanos, segundo o qual os padeiros, cozinheiros e mordomos deviam ser rigorosamente castos, porque era extremamente importante que a comida e as vasilhas fossem manuseadas por pessoas que se encontrassem na puberdade ou, pelo menos, por pessoas que raramente praticassem sexo. Por isso, se um padeiro, um cozinheiro ou um mordomo violasse essa regra de continência, tinha o dever imperioso de lavar -se num rio, ou em alguma outra água corrente, antes de voltar aos seus afazeres profissionais. Mas, para esse gênero de atividades, eram preferidos os serviços de um menino ou de uma virgem.

As mesas preparadas para os deuses tinham alimentos separados, similares aos perfumes do tabernáculo no quesito de preparo e exclusividade, um tipo de “comida divina”, ofertas de alimentos com especiarias para exclusivo uso cerimonial, do qual somente determinados sacerdotes e os reis, ou quem eles permitissem, poderiam participar. Por “santidade relativa” digo que a perfeição espiritual esperada dos reis não era fruto da piedade, bondade, misericórdia ou virtudes espirituais elevadas, ela era produzida por cumprir cabalmente as práticas e atitudes sagradas, ritos que eram dramatizações ou atos de caráter profético que lhes eram atribuídos realizar. Aos olhos das nações da antiguidade, ainda não desvinculado poder político terreno do poder espiritual, como as nações modernas a partir

da idade média, os céus estavam ligados a terra através dos atos reais que refletiam na esfera das coisas criadas o que faziam. Deles dependia a chuva, a colheita, a caça, a vitória na guerra, a saúde pública, a preservação contra poderes espirituais, etc. G. Frazer cita que essa era a razão de que a vida dos reis da antiguidade eram cercadas de rituais. *O próprio título 'faraó', aliás, parece corroborar a imagem negativa; a palavra grega pharaó, com efeito, é tradução do egípcio per-aa, que significa 'casa grande' ou 'a maior casa'. Eles não eram pessoas normais, mas homens que compartilhavam da essência do divino, e sabiam muito bem disso. Diante do rei o súdito tinha de prostrar-se no chão ("estendi-me sobre meu ventre e perdi os sentidos diante dele", 2 0 e também "os governantes de Medja, Irtjet e Uauat beijaram a terra e aclamaram grandemente" o rei) 2 1 ou dobrar-se respeitosamente (conselheiros "curvados sobre seus ventres diante de Sua Majestade"). 2 2 Sofreria punição quem tocasse, mesmo involuntariamente, na pessoa do rei, e este fato era tão extraordinário que mereceu o registro na tumba do sacerdote Ra-ur, que viveu durante a quinta dinastia. Certa vez ele participava de uma cerimônia na qual estava presente o faraó Nefer-ir-ka-Ra e de repente a maça do rei tocou por acaso em sua perna, mas o soberano interveio a seu favor e ordenou: "Minha Majestade deseja que ele passe muito bem, de modo que nada de mau lhe aconteça!". 2 1 Beijar o pé do faraó, portanto, seria considerado suprema honraria, sinal de grande prestígio, como sucedeu com Ptab-nash, vizir do mesmo Nefer-ir-ka-Ra: "Quando Sua Majestade viu que beijaria a terra, Sua Majestade disse: - Não bejies a terra, beija meu pé". Ao ouvirem isso, "os filhos do rei e os cortesãos que estavam no palácio tremeram de medo". 2 4. É complicado para nosso entendimento moderno imaginar um personagem que compartilhava ao mesmo tempo da esfera divina e da humana; ele era um deus e como tal recebia culto após a morte e não raro mesmo em vida, mas também todos sabiam que tinha nascido e iria morrer como qualquer ser humano. O egípcio antigo, no entanto, em muitos pontos não pensava e não agia como nós, em particular na apreensão do funcionamento dual do cosmo, que não podia ser Pobres faraós divinos 27 concebido senão em termos de parênteses: ordem e caos, fértil e desértico, solar e ctônico, pares de deuses, luz e trevas etc. Tal dualidade significaria para nós elementos contrapostos e contraditórios entre si, mas o egípcio concebia em amálgama complexo esses elementos, que só faziam sentido quando considerados em conjunto e em termos de complementaridade. Assim, o faraó operava na Terra como indivíduo humano entre os humanos, mas só ele detinha uma função própria dos deuses como encarregado de manter a ordem cósmica: podia falbar como homem, mas não como deus. Sua apresentação oficial continuava idealizada e assim tinha de ser, porquanto a estabilidade e a harmonia cósmicas dependiam dessa imagem formalizada para ser eterna: enquanto a imagem fosse a mesma, eterna porque feita sob cânones inviolados, tudo seria o mesmo, sob a garantia do faraó em sua função divina. (Pobres faraós divinos – Emanuel Araujo).*

O direito divino dos reis é uma doutrina política e religiosa segundo a qual o poder dos reis tem como fundamento a vontade de Deus. No Ocidente cristão, a doutrina desenvolveu-se a partir do cesaropapismo bizantino e consolidou-se na França durante o ancien régime, e também na Inglaterra, com base na crença de que o monarca reina por vontade de Deus - e não pela vontade de seus súbditos ou do parlamento ou da aristocracia ou de qualquer entidade terrena. Na atualidade, a doutrina do direito divino subsiste em estados teocráticos. No Vaticano, justifica o poder do Papa. Nos califados, as concepções derivadas do Corão sobre fusão dos papéis espirituais e temporais - concentrados nas mãos do califa - também resultam em regimes legitimados pelo direito divino. No Japão, país conhecido como o império do sol nascente, o imperador é considerado como descendente da deusa Amaterasu, deusa xintoísta do sol, sendo que o disco solar está presente na bandeira do país.

Na África, as evidências da transformação de mágicos em reis, e particularmente dos feiticeiros da chuva, são relativamente abundantes. Assim, entre os wambugwes, povo bantu da África oriental, a forma original de governo era a república familiar, mas o enorme poder dos feiticeiros, transmitido hereditariamente, os elevou sem demora à condição de pequenos senhores ou chefes. Dos três chefes que viviam no país em 1894, dois eram muito temidos como magos, e a riqueza que possuíam em rebanhos foi quase totalmente recebida como presentes dados em retribuição a serviços prestados como magos. Sua arte principal era a de fazer chover.

Diz-se dos chefes dos ata-turus, outro povo da África oriental, que são apenas feiticeiros, sem qualquer poder político. E entre os wagogos, da África oriental alemã, o principal poder dos chefes, ao que consta, vem da sua arte de fazer chover. Se um chefe não puder fazer chover por si mesmo, deve então conseguir chuva com algum conhecedor da arte. Na poderosa nação massai, da mesma região, os curandeiros são por vezes os chefes, e o supremo chefe dessa raça é, quase invariavelmente, um poderoso curandeiro.

Esses laibon, como são chamados, são ao mesmo tempo sacerdotes e médicos, hábeis na interpretação dos augúrios e dos sonhos, em afastar a má sorte e em fazer chover. O chefe ou curandeiro supremo, que tem sido chamado de papa dos massais, não só deve fazer chover como também repelir e destruir os inimigos em guerra com seu povo por meio de suas artes mágicas. Em muitas outras partes do mundo, os reis tinham a incumbência de regular o curso da natureza em benefício de seu povo e eram punidos se não o fizessem. Parece que os citas costumavam pôr a ferros o seu rei quando os alimentos escasseavam. No Egito antigo, os reis sagrados eram responsabilizados pelas más colheitas, mas os animais sagrados também partilhavam da responsabilidade pelo curso da natureza. Quando a peste e outras calamidades assolavam a terra, em consequência de uma seca prolongada e rigorosa, os sacerdotes agarravam os animais à noite e os ameaçavam, mas se o mal não cedesse, abatiam-nos. Na ilha de coral Nue, ou ilha Selvagem, no sul do Pacífico, houve outrora uma linhagem de reis. Mas, como eram também sumos sacerdotes, devendo, portanto, promover a abundância de alimentos, o povo contra eles se irritava em épocas de escassez, e os matava, até que, tendo sido mortos um após outro, não havia mais ninguém para ser rei e a monarquia chegou ao fim. Mandato do Céu - A filosofia política tradicional chinesa dá grande valor ao Mandato do Céu. Segundo essa teoria, o céu favorecerá o imperador justo com paz e prosperidade, mas, se o governante não é favorecido com paz e prosperidade, então é claro que o céu o acha odioso. É perfeitamente aceitável, na verdade, até um dever sagrado, derrubar um imperador não favorecido pelo céu. Os antigos autores chineses nos contam que, na Coréia, sempre que chovia demais ou de menos e as plantações não amadureciam, a culpa era atribuída ao rei. Alguns coreanos eram a favor da deposição do rei, outros, da sua execução. O próprio imperador chinês é considerado responsável se a seca é demasiado severa, e são muitos os éditos de autocondenação sobre esse assunto, publicados nas páginas da veneranda Gazeta de Pequim. Em casos extremos, o imperador, vestido com roupas humildes, sacrifica aos céus e implora a sua proteção. Os toorateyas das Celebes do Sul sustentam que a prosperidade do arroz depende do comportamento de seus príncipes e que o mau governo — e entendem por isso um

governo que não se conforme aos costumes antigos — provocará o fracasso das colheitas. Na época do rei sueco Domalde houve uma grave escassez que durou vários anos e não pôde ser aplacada pelo sangue de animais ou de homens. Por isso, numa grande assembléia popular, reunida em Uppsala, os chefes decidiram que o próprio Rei Domalde era a causa da escassez e devia ser sacrificado para que a fartura voltasse. Por isso executaram-no e espalharam seu sangue pelos altares dos deuses. Também nesse caso diz a tradição que os suecos sempre atribuíram as boas ou más colheitas aos seus reis. No reinado do Rei Olaf houve uma grande escassez, e o povo o considerou culpado por ser muito comedido em suas oferendas. Reuniu um exército e marchou contra ele, cercou sua moradia e a incendiou, queimando-o com ela, "oferecendo-o a Odin como um sacrifício para conseguir boas colheitas".

Talvez o último resquício dessas superstições que perdurou em relação aos nossos reis ingleses foi a idéia de que podiam curar a escrofulose (uma inflamação de pelo toque. Por isso, a doença tornou-se conhecida como o "mal do rei". A Rainha Elizabeth exercia com freqüência esse dom miraculoso de curar. No dia do solstício de verão de 1633, Carlos I curou uma centena de pacientes de uma só vez, na capela real, em Holyrood. Mas parece ter sido com seu filho, Carlos II, que o costume chegou ao auge. No dia 29 de maio de 1660, Carlos II retornou à pátria em triunfo, vindo do exílio, e, no dia 6 de junho, começou as curas da escrofulose.

Podemos ler então que os reis eram considerados como “divinos”, enviados, separados pelos deuses, com responsabilidades espirituais que iam da cura até o controle atmosférico. Certa feita um rei da Assíria enviou um general de seu exército com grave doença, reconhecida como lepra pelos israelitas, até o rei Acabe para que esse pudesse curá-lo, porque os assírios entendiam que Acabe deveria ser um rei com poderes de cura, um rei curandeiro, tendo em vista que não conheciam o ministério profético e diante de sua religião e dos relatos dos milagres que haviam ocorrido em Israel somente um sei-sacerdote poderia ter condições de realizar tais sinais – para eles a representação máxima de poder terreno e espiritual na terra era a de um rei-sacerdote, ou rei-mago.

O peso da realeza (G Frazer)

Num certo estágio da sociedade antiga, era comum considerar que o rei ou o sacerdote fossem dotados de poderes sobrenaturais ou que fossem a encarnação de uma divindade e, de acordo com essa crença, supunha-se que o curso da natureza estivesse mais ou menos sob o seu controle, razão pela qual eram considerados responsáveis pelo mau tempo, pelas más colheitas e calamidades semelhantes. Parece que, até certo ponto, existia a suposição de que os poderes do rei sobre a natureza, como o poder sobre seus súditos e escravos, se exercia através de atos claros de sua vontade e, portanto, se havia seca, escassez, peste ou tempestade, o povo atribuía o infortúnio à negligência ou culpa do seu rei, e o castigava devidamente, açoitando-o e amarrando-o e — caso ele permanecesse insensível — depondo-o e matando-o. Mas, por vezes, se supunha que o curso da natureza, embora considerado como dependente do rei, era parcialmente independente de sua vontade: sua pessoa é considerada, se assim podemos dizer, como o centro dinâmico do universo, do qual se irradiam linhas de força para todos os cantos dos céus, de modo que qualquer

movimento do rei — o voltar da cabeça, o erguer da mão — afeta de imediato e pode perturbar seriamente alguma parte da natureza. Ele é o ponto de apoio do qual depende o equilíbrio do mundo, e a menor irregularidade de sua parte pode perturbar esse delicado equilíbrio. Impõe-se, portanto, o maior cuidado, tanto do rei consigo mesmo como de seus súditos no trato com ele. Toda a sua vida, nos mínimos detalhes, deve ser regulada de modo que nenhum ato seu, voluntário ou involuntário, possa modificar ou perturbar a ordem estabelecida da natureza. O micado ou dairi, o imperador espiritual do Japão, é, ou melhor, era o exemplo típico dessa classe de monarcas. Ele é a encarnação da deusa do sol, a divindade que governa o universo, inclusive os deuses e os homens. Uma vez por ano, todos os deuses vêm servi-lo, e passam um mês na sua corte. Durante esse mês, cujo nome significa "sem deuses", ninguém frequenta os templos, pois acredita-se que estejam vazios. O micado recebe de seu povo, e adota nas suas proclamações oficiais e nos seus decretos o título de "divindade manifesta ou encarnada" (akitsu kami) e se arroga uma autoridade geral sobre os deuses do Japão. Por exemplo, num decreto oficial do ano de 646, o imperador é descrito como "o deus encarnado que governa o universo".

No reino do Congo, na África ocidental, havia um sumo pontífice chamado chitôme, ou chitombé, considerado pelos negros como um deus na terra e todo-poderoso no céu. Assim, antes que qualquer outro os provasse, os primeiros frutos da temporada lhe eram oferecidos, pelos súditos receosos das múltiplas infelicidades que se abateriam sobre eles se desobedecessem a essa lei. Quando ele deixava sua residência para visitar outros lugares sob sua jurisdição, os casais tinham de observar uma abstinência rigorosa durante todo o tempo em que estivesse fora, pois se achava que qualquer ato de incontinência lhe seria fatal. E se ele morresse de morte natural, acreditava-se que o mundo pereceria, e a terra — que, sozinho, conservava apenas com seu poder e medito — seria imediatamente aniquilada. Da mesma forma em Humbe, um reino de Angola, a incontinência dos jovens na puberdade constituía crime capital, porque se acreditava que isso provocaria a morte do rei naquele mesmo ano. Mais recentemente, a pena de morte foi comutada por uma multa de dez bois, imposta a cada um dos culpados. Essa comutação atraiu milhares de jovens dissolutos a Humbe, procedentes das tribos vizinhas, entre as quais a pena de morte ainda é observada com rigor.

Em qualquer lugar, como no Japão ou na África ocidental, onde se suponha que a ordem da natureza e mesmo a existência do mundo dependem da vida do rei ou do sacerdote, é claro que este deve ser considerado pelos seus súditos como uma fonte tanto de infinitas bênçãos como de perigo não menos infinito. De um lado, deve-se-lhe o agradecimento pela chuva e pelo bom tempo propícios aos frutos da terra, pelo vento que leva os navios ao litoral e mesmo pelo chão firme que o homem tem sob seus pés. Mas aquilo que o rei dá, também pode recusar, e tão grande é a dependência em que a natureza se encontra de sua pessoa, tão delicado o equilíbrio do sistema de forças do qual ele é o centro, que a menor irregularidade de sua parte pode provocar um tremor que abalará os alicerces da terra. E, se a natureza é perturbada pelo menor ato involuntário do rei, é fácil imaginar a agitação que a sua morte não provocará. A morte natural do chitomé, era considerada como equivalente à destruição de tudo. Evidentemente, portanto, é com vistas à sua própria segurança, que podia ser posta em risco por qualquer ato impensado e mais ainda

pela morte do rei ou do sacerdote, que o povo exigirá do rei ou do sacerdote a obediência rigorosa às regras cuja observação é considerada necessária à sua preservação, e conseqüentemente à preservação de seu povo e do mundo. A idéia de que os reinos antigos eram despotismos nos quais o povo existia apenas para o soberano é totalmente inaplicável às monarquias de que falamos. Pelo contrário, nelas o soberano existe apenas para os seus súditos: sua vida só tem valor enquanto ele desempenha as funções de sua posição, ordenando o curso da natureza em benefício de seu povo. Tão logo ele se mostra incapaz disso, o zelo, a devoção, a homenagem religiosa que até então lhe haviam sido dispensados cessam e se transformam em ódio e desprezo. Ele é afastado vergonhosamente, e deverá sentir-se grato se escapar vivo. Venerado como deus num dia, é abatido como um criminoso no dia seguinte. Mas não há, nessa modificação do comportamento do povo, nada de caprichoso ou de incoerente. Pelo contrário, sua conduta é perfeitamente lógica. Se o rei é o seu deus, é, ou deveria ser, capaz também de ser seu protetor; se não for capaz de proteger seu povo, deve dar lugar a outro que tenha condições de fazê-lo. Mas enquanto o rei corresponder às expectativas de seus súditos, não há limite ao cuidado que estes têm com ele e que o forcem a ter para consigo mesmo. Um rei desse tipo vive cercado por uma etiqueta cerimoniosa, por uma rede de proibições e observações que não visam a contribuir para a sua dignidade, e muito menos para seu conforto, mas a impedir que ele se comporte de modo a que, perturbando a harmonia da natureza, possa acarretar para si, para seu povo e para o universo uma catástrofe.

Dos tabus impostos aos sacerdotes, podemos encontrar um exemplo notável nas regras de vida determinadas para o flamen dialis, um dos flâmines de Roma, que tem sido interpretado como a imagem viva de Júpiter ou uma materialização humana do espírito do céu. Essas regras eram as seguintes: o flamen dialis não podia montar ou tocar um cavalo, nem ver um exército em armas, nem usar um anel que não estivesse quebrado; não podia haver nó em qualquer parte de suas vestes; nenhum fogo, exceto o fogo sagrado, podia ser retirado de sua casa; não podia tocar farinha de trigo ou pão fermentado; não podia tocar, e nem mesmo mencionar, um bode, um cão, carne crua, favas e hera; não podia passar sob uma parreira de uvas; os pés de sua cama tinham de ser sujos de lama; seu cabelo só podia ser cortado por um homem livre e com uma faca de bronze; seus cabelos e unhas, quando cortados, tinham de ser enterrados sob uma árvore da sorte; não podia tocar um corpo morto nem entrar num lugar onde um cadáver estivesse sendo incinerado; não podia ver um trabalho ser realizado em dias sagrados; não podia ficar à descoberto ao ar livre; se um homem amarrado fosse levado à sua casa, o cativo teria de ser desamarrado e as cordas tinham de ser retiradas por um buraco no teto e levadas dessa forma para a rua.

Os reis eram num primeiro instante, exímios guerreiros, valorosos combatentes, que comandavam seus exércitos nas guerras, tal como podemos ver na tradição com Saul e mesmo Davi ou Alexandre o Grande. A primeira narrativa que fala de um reino é o relato sobre uma antiquíssima figura de nome Ninrode, cuja fama se espalhou por ser um exímio caçador. Alguns interpretam “caçador” como “guerreiro”, independente do tipo de caçada, animal ou humana, o líder que sobressaía com a defesa ou o sustento de uma clã ou comunidade era glorificado, em alguns casos, divinizado. Ninrode se tornará em algum momento um espírito guardião e depois será incorporado como uma divindade do panteão



sumério e acádico, através de Tamuz ou algum deus consorte de Semíramis. Xerxes, medo-persa, decidiu que iria comandar pessoalmente seu exército, então em 481 a.C seguiu para a Lídia, levando consigo, algumas de suas esposas, concubinas, filhos, irmãos, cunhadas, primos, tios, conselheiros, funcionários, escravos, etc. De fato, cada um dos generais e comandantes poderia levar seus familiares e escravos pessoais. Os historiadores dizem que os persas de certa forma transferiam sua corte quando o rei decidia participar das campanhas militares. Daí, além de seguir o exército de 200 mil guerreiros, mais algumas centenas de pessoas seguiam o exército, eram um cortejo de guerra. Tal ideia era uma forma de o rei mostrar aos povos conquistados o seu poder e prosperidade, e ao mesmo tempo, mostrar a corte e seus familiares e amigos, sua bravura e astúcia no campo de guerra. Não são poucos relatos na história chinesa, japonesa e coreana o caso de generais ou capitães cujas proezas militares abriram caminho até a posição de líderes da nação e mesmo de reinos, tais como a dinastia ptolomaica após a morte de Alexandre o Grande ou o Xogunato japonês.

A natureza das nações em guerra continua para a formação dos estados modernos que até hoje lutam pela hegemonia da terra, fazia com que reinos lutassem entre si constantemente, e a subjugação de uma nação, povo, clã ou comunidade estrangeira passava pela subjugação ou morte do rei adversário. A conquista de um reino inimigo significava a vitória dos poderes ou divindades que davam suporte a dinastia vencedora. Muitos reinos dominados guardavam um voto de submissão ao reino conquistador, permanecendo assim a dinastia rela subjugada desde que submissa em todos os aspectos, tributários, civis e religiosos, para o reino vencedor. O rei vencedor era conhecido como “rei de reis” ou rei dos reis. As intrigas e lutas para libertação de povos e reinos submissos era um movimento contínuo, e as revoltas eram duramente coibidas. A não submissão de uma nação na declaração de guerra era punida de modo cruel, e os primeiros a sofrerem era a família real deposta. A humilhação pública, a tortura e indizíveis sofrimentos eram estipulados como “multa” ou condenação pela sublevação. Os dominadores demonstravam sua força de modo cruel ou vexatório. Quando maior a humilhação imposta ao rei inimigo vencido, maior a glória do rei vencedor. Determinado rei africano ao vencer o chefe de outra tribo o obriga a construir um castelo, sozinho, utilizando somente a boca para carregar a água necessária para tal edificação. Há um relato em Juízes de que determinado rei mutilava de modo terrível aos reis que vencia.

Então disse Judá a Simeão, seu irmão: Sobe comigo à minha herança. E pelejemos contra os cananeus, e também eu contigo subirei à tua herança. E Simeão partiu com ele.

“E subiu Judá, e o Senhor lhe entregou na sua mão os cananeus e os perizeus; e feriram deles, em Bezeque, a dez mil homens. E acharam Adoni-Bezeque em Bezeque, e pelejaram contra ele; e feriram aos cananeus e aos perizeus. Porém Adoni-Bezeque fugiu, mas o seguiram, e prenderam-no e cortaram-lhe os dedos polegares das mãos e dos pés. Então disse Adoni-Bezeque: Setenta reis, com os dedos polegares das mãos e dos pés cortados, apanhavam as migalhas debaixo da minha mesa; assim como eu fiz, assim Deus me pagou. E levaram-no a Jerusalém, e morreu ali.”

Juízes 1:3-7

A rigor não bastava vencer ao rei inimigo para que as vitórias de batalhas pudessem ser elogiadas, narradas e lembradas, era necessário aos olhos das populações da antiguidade a humilhação pública dos reis depostos. A tônica da vitória como grande ênfase na humilhação da derrota inimiga pode ser vista nas inscrições ainda existentes nos relatos de reis egípcios e inscrições sumérias e persas. A demonstração de vitória absoluta deveria ser uma lição para todos os outros povos. Uma destas terríveis cenas é demonstrada no Velho Testamento quando o último rei de Judá se revolta contra o domínio babilônico. No décimo primeiro ano de Zedequias, no quarto mês, no nono dia do mês", abriu-se uma brecha em Jerusalém. Zedequias e a família e seguidores passaram a fugir de noite. Alcançados nas planícies desérticas de Jericó, Zedequias foi levado a Nabucodonosor em Ribla. Depois de presenciar a morte dos filhos, Zedequias foi cegado, preso com grilhões de cobre e levado a Babilônia, onde morreu na casa de custódia. A última coisa que Zedequias foi obrigado a ver foi a morte de seus filhos.

Essa posição de rei-capitão, rei-chefe do exército era uma visão comum para os povos da antiguidade. Além disso assumia as funções de legislador e de juiz em muitas situações. Nos tempo de estado de sitio ou emergência causadas pelas inúmeras guerras os reis agiam com autoridade absoluta. Sua preservação era vital para a preservação da unidade de uma nação, e era vigiado de dia e de noite, a aproximação da pessoa do rei seguiu uma estrita ordem burocrática e religiosa, o rei era basicamente intocável. A proximidade da realeza era perigosa em muitos sentidos, tocar indevidamente um rei significava morte de quem tentou em muitos momentos, era considerada uma ofensa estatal, ou um perigo interpretado normalmente como tentativa de assassinato. A comida do rei era preparada por serviçais escolhidos e provada por provadores-mor ou por cargos diversos, tais como os padeiros no Egito e os copeiros em Babilônia. Uma de suas funções era provar a comida do rei para que este não fosse envenenado. Qualquer sinal de debilidade de um copeiro dava lugar a investigações que poderia levar até a tortura de servos do palácio, muitas vezes verificado nas diversas tentativas de tomada de poder nos palácios de Joseon, capital coreana.

A saúde do rei era objeto de extremo cuidado porque o rei enfermo significava maldição sobre a nação, ou representava o enfraquecimento do cuidado divino sobre o estado. Havia um extremo cuidado na apresentação pública dos reis, sendo até maquiados, pintados cerimonialmente para parecerem "sadios". A enfermidade de um rei era tida como uma gravíssima maldição, com efeitos avassaladores sobre a comunidade, já que se um "descendente divino" estava enfraquecido, o que então aconteceria com os demais? O enfraquecimento ou enfermidade real levava a outra situação, a possibilidade do não cumprimento das obrigações reais que eram importantes para a manutenção da natureza. Junto com o rei a natureza também adoeceria e logo os campos já não produziriam milho, arroz, trigo, cereais e frutos, logo os animais deixariam de gerar e essa desgraça se alastraria para o mundo humano e as mulheres parariam de conceber. Essa é a crença detrás da atitude de antigo rei de Gerar, após saber que suas esposas perderam a fertilidade, porque estava indevidamente colocando em seu harém a esposa de um profeta, Sara. Ele enxerga "castigo dos deuses" ou maldição por detrás de algum ato real.

O rei enfermo deveria morrer pelo bem da nação ou ser imediatamente substituído por alguém que pudesse exercer os ritos.

Os reis então eram, na maioria dos casos, escravos de suas tradições, possuíam rígido código de conduta – de tradição imemorial e mágica. Os seus atos seguiam um cronograma que era conferido com presságios, adivinhações, profecias. Todas as datas importantes de atividades civis, sacerdotais e até casamentos eram consultadas aos magos da corte que consultavam as divindades ou prognosticavam os dias de “sorte” ou de “bom-agouro” para realização de vários eventos. Era necessário que o dia escolhido para realização de certos rituais, como o casamento, ritos de passagem, consagração de ministros e oficiais, etc, fosse escolhido pelos deuses, através de alguma arte divinatória ou através do sorteio.

Então podemos ter uma profunda visão a partir destes fatos resumidos sobre a declaração bíblica do reino e do direito ao trono de Cristo no qual se incluem todas as nações. Jesus não é somente um rei judaico. Ele é soberano de todas as nações da terra. Podemos tal reivindicação em Apocalipse 19.11-16: “E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça. E os seus olhos eram como chama de fogo; e **sobre a sua cabeça havia muitos diademas**; e tinha um nome escrito, que ninguém sabia senão ele mesmo. E estava vestido de uma veste salpicada de sangue; e o nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus. E seguiam-no os exércitos no céu em cavalos brancos, e vestidos de linho fino, branco e puro. E da sua boca saía uma aguda espada, para ferir com ela as nações; e ele as regerá com vara de ferro; e ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-Poderoso. E no manto e na sua coxa tem escrito este nome: Rei dos reis, e Senhor dos senhores.”

### **O diadema de Israel:**

Davi recebeu a seguinte promessa de Deus através do profeta

Natan:

2 Samuel 7:12-16 - Quando teus dias forem completos, e dormir com teus antepassados, então farei levantar depois de ti um dentre a tua descendência, e sairá das tuas entranhas, e estabelecerei o seu reino. Ele edificará uma casa em Meu nome, e confirmarei o trono do seu reino para sempre. Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho; e, se vier a transgredir, castigá-lo-ei com vara de homens, e com açoites de filhos de homens. Minha benignidade não se afastará dele; como a tirei de Saul, a quem tirei de diante de ti. E sua dinastia e o seu reino serão firmados para sempre diante de ti; seu trono permanecerá para sempre.

O estabelecimento da dinastia davídica eterna é significativa, pois espera-se que o descendente dela, como foi feita uma em alusão a bênção de Jacó a Judá:

Gênesis 49:10: O cetro não se apartará de Judá, nem a vara de regência dentre seus pés, até que Shiló venha; e a ele se ajuntarão as nações.

Sabemos que Jesus não cometeu iniquidade e, portanto, ele não tem que ser castigado com vara de homens. Ele foi morto, na verdade, pelos pecados dos homens. Provavelmente isto deve ser entendido no sentido de que Jesus foi condenado à morte pelos homens, porque as nossas iniquidades caíram sobre ele. Ele não cometeu nenhuma iniquidade, mas foi-lhe

"emprestado" as nossas iniquidades. Ele se tornou culpado de nosso pecado, a Bíblia diz em Isaías 53 versículo 6:

Isaías 53:6 - Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho; mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.

2 Samuel 7:12 - Quando teus dias forem completos, e vieres a dormir com teus pais, então farei levantar depois de ti um dentre a tua descendência, o qual sairá das tuas entranhas, e estabelecerei o seu reino.

Atos 2:29-34 - Homens irmãos, seja-me lícito dizer-vos livremente acerca do patriarca Davi, que ele morreu e foi sepultado, e entre nós está até hoje a sua sepultura. Sendo, pois, ele profeta, e sabendo que Deus lhe havia prometido com juramento que do fruto de seus lombos, segundo a carne, levantaria o Cristo, para o assentar sobre o seu trono, Nesta previsão, disse da ressurreição de Cristo,

Jeremias 23:5 - Eis que dias estão chegando, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um renovo justo; e reinará como rei e prosperará, e ele praticará o juízo e a justiça na terra.

Salmo 132:11 - O Eterno fez a Davi uma promessa da qual não voltará atrás: "Da sua descendência farei subir a seu trono".

Como Jesus pode ser a raiz de Davi se nas genealogias apresentadas nos evangelhos é José, seu padrasto, quem aparece como descendente de Davi ?

A genealogia documentada em Mateus 1:1-17

*“Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão. Abraão gerou a Isaque; Isaque, a Jacó; Jacó, a Judá e a seus irmãos; Judá gerou de Tamar a Perez e a Zera; Perez gerou a Esrom; Esrom, a Arão; Arão gerou a Aminadabe; Aminadabe, a Naassom; Naassom, a Salmom; Salmom gerou de Raabe a Boaz; este, de Rute, gerou a Obede; e Obede, a Jessé; Jessé gerou ao rei Davi; e o rei Davi, a Salomão, da que fora mulher de Urias; Salomão gerou a Roboão; Roboão, a Abias; Abias, a Asa; Asa gerou a Josafá; Josafá, a Jorão; Jorão, a Uzias; Uzias gerou a Jotão; Jotão, a Acaz; Acaz, a Ezequias; Ezequias gerou a Manassés; Manassés, a Amom; Amom, a Josias; Josias gerou a Jeconias e a seus irmãos, no tempo do exílio na Babilônia. Depois do exílio na Babilônia, Jeconias gerou a Salatiel; e Salatiel, a Zorobabel; Zorobabel gerou a Abiúde; Abiúde, a Eliaquim; Eliaquim, a Azor; Azor gerou a Sadoque; Sadoque, a Aquim; Aquim, a Eliúde; Eliúde gerou a Eleazar; Eleazar, a Matã; Matã, a Jacó. E Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo. De sorte que todas as gerações, desde Abraão até Davi, são catorze; desde Davi até ao exílio na Babilônia, catorze; e desde o exílio na Babilônia até Cristo, catorze.” (ARA)*

É diferente da apresentada por Lucas 3:23-38

*“Ora, tinha Jesus cerca de trinta anos ao começar o seu ministério. Era, como se cuidava, filho de José, filho de Eli; Eli, filho de Matate, Matate, filho de Levi, Levi, filho de Melqui, este, filho de Janai, filho de José; José, filho de Matatias, Matatias, filho de Amós, Amós, filho de Naum, este, filho de Esli, filho de Nagai; Nagai, filho de Maate, Maate, filho de Matatias, Matatias, filho de Semei, este, filho de José, filho de Jodá; Jodá, filho de Joanã, Joanã, filho de Resa, Resa, filho de Zorobabel, este, de Salatiel, filho de Neri; Neri, filho de Melqui, Melqui, filho de Adi, Adi, filho de Cosã, este, de Elmadã, filho de Er; Er, filho de Josué, Josué, filho de Eliézer, Eliézer, filho de Jorim, este, de Matate, filho de Levi; Levi, filho de Simeão, Simeão, filho de Judá, Judá, filho de José, este, filho de Jonã, filho de Eliaquim; Eliaquim, filho de Meleá, Meleá, filho de Mená, Mená, filho de Matatá, este, filho de Natã, filho de Davi; Davi, filho de Jessé, Jessé, filho de Obede, Obede, filho de Boaz, este, filho de Salá, filho de Naassom; Naassom, filho de Aminadabe, Aminadabe, filho de Admim, Admim, filho de Arni, Arni, filho de Esrom, este, filho de Perez, filho de Judá; Judá, filho de Jacó, Jacó, filho de Isaque, Isaque, filho de Abraão, este, filho de Tera, filho de Naor; Naor, filho de Serugue, Serugue, filho de Ragaú, Ragaú, filho de Faleque, este, filho de Éber, filho de Salá; Salá, filho de Cainã, Cainã, filho de Arfaxade, Arfaxade, filho de Sem, este, filho de Noé, filho de Lameque; Lameque, filho de Metusalém, Metusalém, filho de Enoque, Enoque, filho de Jared, este, filho de Maalalel, filho de Cainã; Cainã, filho de Enos, Enos, filho de Sete, e este, filho de Adão, filho de Deus.” (ARA)*

Mateus escreveu seu evangelho para os judeus e, assim, a genealogia oficial traz em questão as credenciais messiânicas judaicas de Jesus, pois os judeus esperavam que o Messias fosse descendente de Abraão e raiz de Davi. Lucas escreveu seu evangelho para os gregos e, por isso, apresenta Jesus como perfeito, segundo a concepção da cultura helênica. O propósito de Mateus é mostrar Jesus como verdadeiro rei, e o de Lucas é mostrá-lo como verdadeiro humano. Mateus apresenta a linhagem legal de Davi e Lucas a linhagem natural. Tanto José quanto Maria, os pais terrenos de Jesus, eram descendentes de Jessé. Podemos apontar a genealogia de Lucas como sendo de descendentes familiares de Maria e a de Mateus, de José. Esta pode ser uma explicação, pois na cultura judaica o homem, através de seu comprometimento com uma mulher, era tido como filho de seu sogro. Assim, embora Maria não seja citada, ela é, no entanto, representada por seu marido.

Isso é de se esperar, já que são duas linhas diferentes de ancestrais, uma através de seu pai legal, José, e outra através de sua mãe de fato, Maria. Mateus apresenta-nos a linha oficial, já que seu propósito é mostrar as credenciais messiânicas judaicas de Jesus, que requeriam que o Messias viesse da semente de Abraão e da linhagem de Davi (cf. Mt 1:1). Lucas, tendo em vista um público grego bem mais amplo, dirige-se para o interesse grego de ver

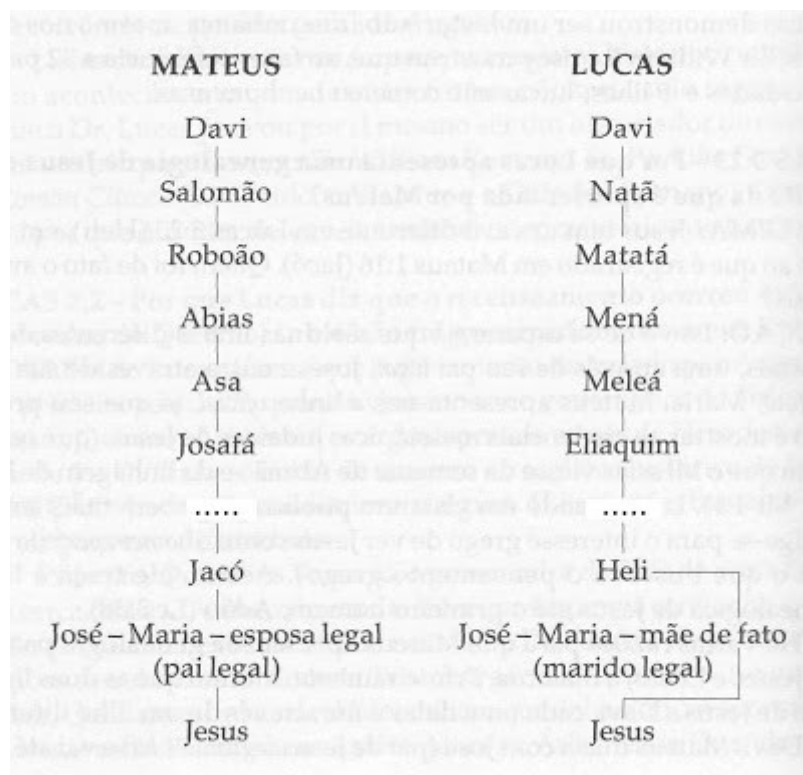
Jesus como o homem perfeito (que era o que buscava o pensamento grego). Assim, ele traça a linha genealógica de Jesus até o primeiro homem, Adão (Lc 3:38).

Há várias razões para que Mateus apresente a genealogia paterna de Jesus, e Lucas, a materna. Primeiramente, mesmo que as duas linhas vão de Jesus a Davi, cada uma delas o faz através de um filho diferente de Davi. Mateus inicia com José (pai de Jesus segundo a lei) e vai até o rei Salomão, filho de Davi, de quem Cristo por direito herdou o trono de Davi(cf. 2Sm7-12ss).

O propósito de Lucas, por outro lado, é mostrar Cristo como verdadeiramente humano. Então ele vai de Cristo a Natã, filho de Davi, seguindo a genealogia de Maria, sua mãe de fato, pela qual Jesus pode declarar ser perfeitamente humano e o redentor da humanidade.

Lucas não diz que está traçando a genealogia de Jesus a partir de José. Antes, ele observa que Jesus, "como se cuidava" era "filho de José", quando de fato ele era filho de Maria. Também o fato de Lucas registrar a genealogia pela linha de Maria vinha bem ao encontro de seu interesse, como médico, por mulheres e nascimentos, o que se vê inclusive por sua ênfase em mulheres no seu Evangelho, que tem sido chamado de "o Evangelho para as mulheres".

Finalmente, o fato de terem as duas genealogias alguns nomes em comum (tais como Salatiel e Zorobabel, Mt 1:12; cf. Lc 3:27) não prova que são a mesma genealogia por duas razões. Primeiro, esses não são nomes incomuns. Segundo, até na própria genealogia (na de Lucas) há uma repetição dos nomes de José e Judá (Lc 3:26, 30). [2]As duas genealogias podem ser resumidas da seguinte forma:



## O diadema dos gentios – O rei das nações

Salmo 33

“10 O Senhor frustra os desígnios das nações e anula os intentos dos povos. 11 O conselho do Senhor dura para sempre; os desígnios do seu coração, por todas as gerações.”

Mr 1:14-15 Ora, depois que João foi entregue, veio Jesus para a Galiléia pregando o evangelho de Deus e dizendo: O tempo está cumprido, e é chegado o reino de Deus. Arrependei-vos, e crede no evangelho.

Cl 1:13 e que nos tirou do império das trevas, e nos transportou para o reino do seu Filho amado.

**Jesus cumprirá cada preceito, cada protocolo imaginado, cada ato ritual e cada exigência que dignifica a sua “pretensão” ao reino de todo o mundo. Ele recebe um título antes do nascimento que indica uma escolha sobrenatural. Ele derrota como grande capitão forças de oposição que dominavam sobre a humanidade, expondo-as ao ridículo e a vergonha através do expediente da cruz do calvário.** Relendo o Evangelho a luz do lúdico na cultura mundial há muitas associações e representações que nos ajudam a compreender muitas realidades celestiais. A Cruz do calvário é mujakhara (uma festa de vitupério ou zombaria da Arábia antiga, um concurso de prosa e poesia, piadas jocosas) provém de uma raiz que significa "vangloriar-se", e o resultado de sua obra munafara (premio que se dava aos ganhadores de concursos de zombaria poética – das festas mujakhara), que significa “por em Fuga”. **A Cruz é uma declaração insultuosa às hostes e potestades de Satanás, ela declara e expõe o inferno ao vitupério, ou a vergonha, ela é o sinal da derrota vergonhosa, eterna, de todo o exército adversário. Bilhões de demônios lutaram em vão. Foram todos derrotados por um só.** A Profecia age como os argumentos num duelo de insultos, denegrindo as obras de Satanás e as destinando à destruição. Porque a história do ceticismo e das religiões é um insulto declarado, proposital as coisas de Deus.

O mundo do Velho Testamento acontece de modo pleno no interior da África, é Nova Orleans nas áreas de Vudu, é o interior da Romênia, de várias ilhas do arquipélago japonês, é parte da Ásia, da Índia, está viva em vilas da Mongólia, da Rússia, do Paquistão. Acontece hoje em áreas nobres de Nova York, em rituais macabros em fazendas do Arkanas. Terreiros de Ubanda e de Candomblé, nos ritos das bruxas escocesas, nas festas a deusa morte do México, nas procissões de sacrifícios do Peru. Cito as que me ocorrem de memória.

Vivemos num mundo mágico, um mundo que busca a magia, que exerce desde a antiguidade a prática de adoração a ídolos que são atos de magia, de busca de poderes, de forças sobrenaturais, que não significam verdadeira adoração a Deus. A maioria busca desse ídolos o mesmo que se busca em objetos mágicos. Um talismã. Trocam libações, ofertas, oferendas por recompensas.

Há em alguns o desejo de realizar o bem, de servir aos deuses com gratidão. Embora sirvam a deuses que não são deuses, Deus contempla o anseio destas pessoas de conhecerem e servirem ao Deus verdadeiro. E em algum momento, pelo seu tremendo amor, os afastará da mentira os conduzirá a Verdade.

Quando o tabernáculo está erguido e os rituais estão sendo realizados, o mundo da época é completamente mágico. A filosofia é uma sombra, não existe o materialismo ainda, ou uma ciência separada, todo evento físico é algo sobrenatural, tudo tem origem no divino, não há uma segunda ou terceira explicação para os eventos biológicos, físicos, climáticos. O mundo moderno caminhou no sentido contrário, destituiu Deus de seu cargo e concedeu a Razão a detentora de status divino, insurgindo-se contra a própria ideia de Deus, mas isso é um mal da humanidade, sua Soberba. A Soberba é uma praga. Mas sem levar em conta a ciência enferma, e sua loucura pela excesso de sua arrogância, não havia no mundo antigo nenhuma outra divisão. Tudo era essencialmente mágico.

E não concebiam CRER em DEUS sem atos, sem rituais, sem cenas, sem representações. Porque o ser humano não compreenderia as coisas invisíveis sem um tutorial, sem alguma representação visível. Essa é a escola do Velho Testamento.

Uma das representações mais enigmáticas, o mais misterioso ato litúrgico, ato sacerdotal é a cena dos dois bodes.

De tudo que se faz no tabernáculo, nada se equivale em mistério. Um enigma. O ato representa algo além da imaginação e mesmo após os escritos dos profetas e apóstolos do Novo Testamento ainda é difícil explicar a profundidade do que tal coisa representa. Porque só conhecemos PARCIALMENTE a história de nossa Salvação.

Essa é grande verdade. Jesus não nos esclareceu todos os detalhes sobre a salvação e nem o Espírito nos revelou.

Tem coisas que talvez seja melhor não sabermos.

Então vou até onde creio que é possível chegar, e a partir daí, retorno sem respostas.

Um dos bodes será sacrificado, já compreendemos a representação do sacrifício. A Cruz.

O outro bode não morrerá. Será enviado ao deserto para alguém que faz oposição ao Senhor cujo nome é Azazel. E o será enviado por meio de SORTES. Será sorteado aleatoriamente quem vai e quem fica. O “destino” se encarregaria de “decidir” aquilo que a vontade de Deus deixou, por assim dizer “indefinido”.



Azazel não tem significado unânime nem em hebraico. E não termina com EL, como as palavras que se relacionam a Deus em hebraico. Só o som é que é parecido (אֶזָזֵל)

Os dois bodes são considerados uma única obrigação, um único evento, um único ritual. São representantes de uma única realidade espiritual.

A morte do calvário é muito mais complicada que imaginamos. A missão de Cristo envolvia não somente o nosso universo e não somente a nossa dimensão.

«no qual também foi [Jesus] pregar aos espíritos em prisão, os quais noutra tempo foram desobedientes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé...» (I Pedro 3:19-20)

«Pois por isto foi o Evangelho pregado até aos mortos...» (I Pedro 4:6)

Atos 2:27 e Atos 2:31, que declaram explicitamente que Cristo não seria deixado no Hades, e que a sua carne não veria a corrupção.

Eféios 4:8-10 também diz: "Por isso diz: Quando ele subiu ao alto, levou cativo o cativo, deu dons aos homens. (Ora que quer dizer isto: Ele subiu, senão que também desceu aos lugares mais baixos da terra? Aquele que desceu é também o que subiu muito acima de todos os céus, para encher todas as coisas.)"

Este versículo é uma paráfrase de Salmos 68:18: "Subiste ao alto, levaste cativos os prisioneiros; Recebeste dons dos homens, Mesmo dos rebeldes, para Deus Jeová habitar entre eles."

E finalmente

Apoc 1:17 Quando o vi, caí aos seus pés como morto. Então ele colocou sua mão direita sobre mim e disse: "Não tenha medo. Eu sou o Primeiro e o Último. 18 Sou Aquele que Vive. Estive morto, mas, agora estou vivo para todo o sempre! E tenho as chaves da morte e do Hades[f].

A vitória sobre o poder das trevas tinha duas partes. Uma era o sacrifício do Calvário. Cabrito sendo sacrificado. A segunda, bem mais sinistra, envolvia um CONFRONTO dentro da região da morte, dentro de lugares e regiões espirituais por nós desconhecidas, onde eventos proféticos também não revelados, ocorrerão. Num mundo que não conhecemos, numa dimensão que abrigava ou ainda abriga aos mortos, imaginada com separações, com regiões de vários nomes no grego e no hebraico, Jesus realizou coisas que não estão descritas nas Escrituras. Coisas das quais só sabemos os resultados. Pregou o Evangelho aos mortos. Não sabemos se a todos ou se somente par os que morreram no Dilúvio. Não sabemos qual o grau de consciência, de suas almas ou de seus espíritos. A realidade que se descortina é a de consciência após a morte, que já tinha sido referenciada na parábola de Lázaro. Mas só que em Lucas era somente uma parábola, aqui é um evento profético e não uma parábola.

Algumas denominações se abrigam em visões doutrinárias específicas sobre a morte para não comentar ou meditar em tais versos. Há uma doutrina sobre o "sono da morte" em que os mortos não estariam conscientes. Há a visão do "desaparecimento" do espírito/alma humana e que ele só seria "recomposto" durante a segunda vinda de Cristo.

Mas não é isto que os textos nos conduzem a entender.

Não temos respostas absolutas porque Deus encobriu para nós seres humanos parte dessas realidades. Seu amor, sua graça e sua misericórdia são maiores e mais profundas que o abismo sobre o qual vivemos. E em seu maravilhoso amor ele simplesmente foi até o pior lugar do universo, para o mais distante deserto. Ai a beleza do segundo bode.

VIVO.

Ele desceu lá como se fosse um morto. Só que a morte não tinha direitos sobre ele. Ele SUBVERTEU o sistema. Ele deu um “loop” na programação, ele destruiu a morte de dentro dela mesma, ele afrontou a dimensão das trevas, ele entrou voluntariamente na prisão e em vez de ficar encarcerado ou preso, explodiu as suas portas e detonou o império das trevas. Lá no hades, ou região da morte, Jesus simplesmente fez o que já tinha feito lá sobre o cume do Hermon. Transfigurou-se. Lá ele cumpre o mistério do profeta que morreu no interior do grande peixe. Jesus é o único ser humano que morto intercedeu a Deus e Deus o escutou de dentro da morte. Porque ainda que fisicamente morto, Jesus estava numa condição única, estava ESPIRITUALMENTE VIVO. Jesus era um semimorto, um vivo entre os mortos, “fingindo de morto” por assim dizer.

Prenderam o cara errado. Ele não é uma alma sujeita às leis da vida e da morte, aos mistérios do universo ou a algum tipo de administração da morte exercida pelo tal do Azazel. Azazel significa, Condenação, Desolação. Tanto faz se era um espírito da alta administração do inferno, uma potestade ou se outro nome para Satanás. Não devia ter recebido aquele bode.

Essa é a representação simples por detrás do segundo bode. O bode que por sua vez simbolizava a IMORTALIDADE. Jamais seria capturado novamente. Jamais seria oferecido pela segunda vez como sacrifício. Os cabritinhos tinham que ser gêmeos, ou idênticos. Mesmo que fosse achado, no próximo ano, já não se enquadraria nas condições.

É a voz do texto de apocalipse:

Apoc 1:17 Quando o vi, caí aos seus pés como morto. Então ele colocou sua mão direita sobre mim e disse: “Não tenha medo. Eu sou o Primeiro e o Último. 18 Sou Aquele que Vive. Estive morto, mas, agora estou vivo para todo o sempre! E tenho as chaves da morte e do Hades].

Aqui se descortina um dos mistérios da pessoa de Cristo. As religiões de mistérios da antiguidade possuem cada uma delas poucos princípios bíblicos presentes. Mas, a soma de todas as religiões do mundo de eras e povos diferentes abrangem princípios que Convergem numa Única Pessoa. Que é incomparável. E impossível de ser imaginada, concebida humanamente ou conceituada. Jesus é impossível **de ser inventado porque sua doutrina está esboçada em todo o mundo magico da antiguidade** e é necessário **todo ele, absolutamente todo este mundo mágico, para expressar o que ele É.**

Para eu compor um personagem que representasse com tamanha propriedade **os mais profundos conceitos religiosos, míticos e mágicos presentes em todo o mundo em todas as eras eu teria que ser um escritor onipresente e onisciente.** O termo *religião de mistério* significa que só tem acesso aos segredos dos ritos pessoas escolhidas e separadas para isso, algumas num processo que dura toda sua vida, de onde vem o *conceito do sagrado*,

coisa a que poucos possuem acesso e que menos ainda compreendem o que esta acontecendo, segredos guardado por sacerdotes e por famílias com base em hereditariedade com a obrigatoriedade de guardar os segredos dos ritos enquanto viverem e o dever de transmitir tais **mistérios somente a indivíduos especiais que darão continuidade ao ministério mágico enquanto viverem**. É impossível ao estranho o acesso a tais segredos. Tudo que conhecemos sobre tais religiões é a **representação visível dos motivos ocultos** através de elaborados cerimoniais. Através dos atos mágicos, dos ritos, cerimônias, liturgias, danças, cânticos, dramatizações, etc.

Como então, poderíamos compor um personagem tão profundo, tão cheio de significados, que expressasse com tamanha intensidade os anseios mais relevantes das religiões de mistério, espalhadas em dezenas de milhares de locais sagrados ao redor da terra, representadas em dezenas de milhares de gestos, cerimoniais e dramatizações em milhares de culturas, tradições e línguas, que perpetuam ritos hereditários e inacessíveis, atemporais? Como existir uma figura que pudesse reproduzir em seus milagres ritos e cerimoniais que estão em continua mutação, transformação e adaptação, no decorrer da história? O mais fabuloso antropólogo do universo não teria poder de raciocínio que bastasse para ...construção de um sujeito como Cristo.

## O REI TRANSITÓRIO

A outra cena das Escrituras de extrema profundidade é a frase final da profecia dada a Daniel na revelação divina do sonho de Nabucodonosor, da estátua gigantesca.

Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo; esmiuçarà e consumirá todos esses reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre,

Da maneira que viste que do monte foi cortada uma pedra, sem auxílio de mãos, e ela esmiuçou o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro; o grande Deus fez saber ao rei o que há de ser depois disto. Certo é o sonho, e fiel a sua interpretação.

Então o rei Nabucodonosor caiu sobre a sua face, e adorou a Daniel, e ordenou que lhe oferecessem uma oblação e perfumes suaves.

Daniel 2:44-46

Daniel recebeu a revelação de um sonho que o rei havia esquecido, narrando-lhe o sonho e a sua interpretação. O rei ficou tão emocionado, não assombrado que tratou a Daniel como se fosse uma divindade. Como se ele fosse de descendência ou de caráter divino. Ele presta adoração a Daniel como se prestasse adoração a outros deuses de babilônia. Faz a ele uma oferenda de alimento, exige que sacerdotes queimem diante dele incenso como se fosse uma divindade viva. Fazia parte do caráter mágico-religioso de então considerar o receptáculo da presença de uma entidade sobrenatural, de um espírito, fantasma ou divindade, objeto, árvore ou animal, ser considerado SAGRADO em virtude daquilo que ele CONTINHA. Nabucodonosor reconheceu que em Daniel habitava uma presença sobrenatural, espiritual, divina. Logo, ele, aos olhos do rei e de TODA BABILONIA, também tinha se tornado – SAGRADO.

Na revelação dada a Daniel nós leremos sobre a chegada de um REINO ETERNO. Para entender a profundidade dessa expressão é necessário compreender além da esfera politico-administrativa, além das questões do estado, reino e impérios da antiguidade.

Segundo Frazer, o homem realmente criou deuses à sua semelhança e, sendo mortal, naturalmente supôs que suas criaturas estivessem sujeitas à mesma triste condição. Assim, os groenlandeses acreditavam que um vento podia matar o seu deus mais poderoso, e que ele certamente morreria se tocasse em um cachorro. Quando ouviram falar no Deus cristão, logo perguntaram se ele nunca morria e, sendo informados de que não, ficaram muito surpresos, dizendo que deveria ser um deus realmente muito bom.

Até mesmo os grandes deuses do Egito não estavam a salvo da sorte comum. Também eles envelheciam e morriam, pois, como os homens, eram formados de um corpo e uma alma e, como os homens, estavam sujeitos a todas as paixões e fraquezas da carne. É certo que seus corpos eram modelados de matéria mais etérea e duravam mais do que os nossos, mas não podiam resistir para sempre ao assédio do tempo. A idade convertia seus ossos em prata, sua carne em ouro e seus cabelos azuis em lápis lázuli. Quando chegava a sua hora, deixavam o animado mundo dos vivos para reinar como deuses mortos sobre homens mortos no melancólico mundo de além-túmulo. Até mesmo suas almas, como as almas dos homens, só podiam resistir depois da morte enquanto seus corpos não se decompusessem; era portanto tão necessário preservar-lhes os corpos quanto os cadáveres dos homens comuns para que, com a matéria divina, o espírito divino também não chegasse a um fim prematuro. Os supremos deuses da Babilônia, embora aparecessem aos seus fiéis só em sonhos e visões, também eram concebidos como humanos em sua forma corpórea, humanos em suas paixões e humanos em seu destino, pois, como os homens, nasciam no mundo e, como os homens, amavam, lutavam e morriam.

A eliminação do rei divino

Reis que são mortos quando sua força decai.

Se os altos deuses, que vivem distantes das agitações da vida terrena, devem finalmente morrer, não se pode esperar que um deus que tenha sua morada num frágil tabernáculo de carne escape à mesma sorte, embora tenhamos ouvido falar de reis africanos que se imaginavam imortais em virtude de suas feitiçarias. Os povos primitivos, como já vimos, acreditam que sua segurança e mesmo a segurança do mundo depende da vida de um desses deuses- homens ou encarnações humanas da divindade. É natural, portanto, que tenham o maior cuidado com a vida do rei, como medida de preservação de suas próprias vidas. Mas, por mais cuidado que tiverem, será impossível impedir que o homem-deus envelheça, se torne fraco e acabe morrendo. Seus fiéis têm de aceitar essa triste necessidade e enfrentá-la da melhor maneira possível. O perigo é formidável, pois, se o curso da natureza depende da vida do homem-deus, que catástrofes podem ocorrer com o enfraquecimento gradual de seus poderes e a extinção final deles pela morte? Só há uma maneira de evitar esses perigos. O homem-deus deve ser morto tão logo demonstre sintomas de que os seus poderes estão começando a diminuir, e sua alma deve ser transferida para um vigoroso sucessor antes que tenha sido seriamente prejudicada pela temida degeneração. As vantagens de eliminar, dessa forma, o homem- deus, em lugar de

permitir que morra de velhice ou de doença, são bastante óbvias para o antigo. Primeiro, se o homem-deus morre do que chamamos de morte natural, isso significa, de acordo com o antigo, que a sua alma abandonou voluntariamente o corpo e se recusa a voltar, ou, mais comumente, que foi arrancada, ou pelo menos retida em suas andanças, por um demônio ou feiticeiro. Em qualquer desses casos, a alma do homem-deus está perdida para seus fiéis, e com ela desaparece a prosperidade destes, e a sua própria existência corre perigo. Mesmo que pudessem recapturar a alma do deus agonizante no momento em que deixa o seu corpo pela boca ou pelas narinas e transferi-la para um sucessor, isso não atingiria os objetivos desejados, pois, se o rei morresse de doença, sua alma necessariamente deixaria o corpo no último estágio de debilidade e exaustão, e, assim enfraquecida, continuaria a arrastar uma existência lânguida, inerte, em qualquer corpo para o qual fosse transferida. Mas se eles próprios eliminarem o rei, os fiéis podem, em primeiro lugar, ter certeza de capturar sua alma no momento em que deixa o corpo e transferi-la a um sucessor adequado.

Em segundo lugar, eliminando-o antes que sua força natural diminua, estarão seguros de que o mundo não sofrerá a mesma decadência do homem-deus. Todos os objetivos são, portanto, atendidos, e evitados todos os perigos, com a eliminação do homem-deus e a transferência de sua alma, ainda em pleno vigor, para um sucessor digno.

Os reis místicos do fogo e da água, do Camboja, não podem morrer de morte natural. Assim, quando um deles adoce seriamente, e os anciãos acham que não se pode curar, matam-no a punhaladas. O povo do Congo acreditava, como já vimos, que, se seu pontífice chitôme percesse naturalmente, o mundo desapareceria com ele, e a terra, mantida por seu poder e mérito, seria imediatamente aniquilada. Assim sendo, quando ele adoecia e sua morte tornava-se provável, aquele que estava indicado para sucedê-lo entrava na casa do pontífice com uma corda ou uma clava e o estrangulava ou golpeava até a morte. Os reis etíopes de Méroe eram adorados como deuses, mas, sempre que os sacerdotes assim o desejavam, enviavam um mensageiro ao rei, anunciando-lhe que havia chegado a hora de morrer; sua autoridade para emitir tal ordem encontrava fundamento num suposto oráculo dos deuses. A ordem foi sempre obedecida até o reinado de Ergámenes, contemporâneo de Ptolomeu II, rei do Egito. Tendo recebido uma educação grega que o libertou das superstições de seus concidadãos, Ergámenes aventurou-se a desobedecer a ordem dos sacerdotes e, entrando no Templo de Ouro com um grupo de soldados, passou-os a fio de espada.

O hábito de eliminar os reis divinos aos primeiros sintomas de debilidade ou velhice existiu até recentemente, se é que chegou mesmo a desaparecer totalmente, e não apenas hibernar, entre os chiluks do Nilo Branco. A região em que vivem os chiluks é quase que totalmente coberta de pastagens, e, por isso, a principal riqueza é constituída por seus rebanhos, embora também plantem, em quantidades consideráveis, uma variedade de painço, conhecida como milhete da Índia. Embora os chiluks sejam principalmente pastores, não são nômades, vivendo em muitas aldeias fixas. A tribo conta atualmente com cerca de quarenta mil almas, e é governada por um único rei (rei), cuja residência é em Fachoda. Seus súditos cuidam muito bem dele, cumulando-o de honrarias.

Reis que são mortos ao fim de um prazo determinado

Nos casos que descrevemos até agora, o rei ou sacerdote divino conserva sua função com o assentimento do povo até que alguma deficiência evidente, algum sintoma visível de má saúde ou envelhecimento, mostre sua incapacidade de cumprir os deveres divinos; mas só quando tais sintomas são claros é ele eliminado. Há certos povos, porém, que julgam pouco seguro esperar até mesmo pelo mais leve sinal de decadência, e em lugar disso preferem matar o rei enquanto ainda está em pleno vigor.

Temos as cidades refugio que abrigavam os homicidas presos até a morte do sacerdote. A decadência do rei/sacerdote vai descortinar o significado da enfermidade lançada sobre Cristo!

Assim, fixam um prazo para o seu reinado, findo o qual ele tem de morrer. Esse prazo é bastante curto, para excluir a possibilidade de degeneração física durante o reinado. Em certas regiões do sul da Índia, o período fixado era de doze anos. Assim, de acordo com um velho viajante que percorreu a província de Querala, cerca de vinte léguas a nordeste do cabo Comorim, "há uma casa de orações dos gentios, onde há um ídolo por eles muito respeitado, e, a cada doze anos, celebra-se uma grande festa para esse ídolo, à qual os gentios comparecem como se fossem a um jubileu. Esse templo tem muitas terras e muitas rendas: é um negócio de grandes proporções. A província tem um rei, cujo reinado dura apenas doze anos, de jubileu a jubileu. O comportamento do rei é, quanto a isso, sábio, ou seja: quando os doze anos se completam, no dia da festa, reúnem-se muitas pessoas, e muito dinheiro é gasto para dar comida aos brâmanes. O rei faz com que seja erguido um catafalco de madeira, forrado de seda e, nesse dia, vai banhar-se num tanque com grandes cerimônias e muita música, depois do que se dirige ao ídolo e faz orações, sobe ao catafalco e ali, à frente de todos, com facas muito afiadas, começa cortando o nariz, depois as orelhas, os lábios e todos os seus membros, e o máximo de carnes que pode cortar de si mesmo, lançando tudo isso fora, apressadamente, até que tanto sangue se derrama que ele começa a desmaiar, quando então corta a própria garganta. Realiza esse sacrifício para o ídolo, e quem desejar reinar durante doze anos e sofrer esse martírio por amor ao ídolo tem de estar presente, presenciando o acontecimento, e daquele lugar o levam, como rei".

Quando os reis estavam condenados à morte ao término de um certo prazo, era natural que procurassem delegar o penoso dever, juntamente com alguns dos privilégios da soberania, a um substituto que sofresse em seu lugar.

A transferência do dever de morrer pelo seu país talvez tenha sido praticada pelos sultões de Java.

Isso pelo menos explicaria uma cena estranha, testemunhada na corte de um deles pelo famoso viajante Ibn Battuta, natural de Tânger, que visitou as Índias holandesas na primeira metade do século XIV. Diz ele: "Durante minha audiência com o sultão, vi um homem que tinha na mão uma faca semelhante à que é usada por um colhedor de uvas. Colocou-a contra o próprio pescoço e falou durante muito tempo numa língua que eu não compreendi. Depois disso, segurou-a com as duas mãos e cortou a própria garganta. Sua cabeça caiu no chão, tão afiada era a lâmina e tão grande a força por ele empregada. Fiquei estarrecido com esse comportamento, mas o sultão me disse: 'Ninguém faz isso, em seu país?' Respondi: 'Jamais vi tal coisa'. Ele sorriu e respondeu: 'São escravos nossos e se matam por amor a nós'. Mandou em seguida que levassem o corpo e o queimassem. Os oficiais, os dignitários, os soldados do sultão e o povo em geral compareceram à cremação.

O soberano fixou uma pensão bastante liberal para os filhos do morto, para sua mulher e seus irmãos, que receberam muitas honrarias devido ao seu comportamento. Alguém que estava presente à audiência em que ocorreu o fato descrito informou-me que o discurso feito pelo homem que se sacrificara falava de sua dedicação ao monarca.

Disse que desejava imolar-se por afeição ao soberano, como seu pai havia feito por amor do pai do príncipe, e seu avô também fizera por amor do avô do príncipe". Podemos conjecturar que antigamente os sultões de Java, como os reis de Querala, estavam condenados a cortar a própria garganta ao término de um determinado prazo, mas que posteriormente passaram a delegar o dever, doloroso, embora glorioso, de morrer pelo seu país aos membros de uma certa família, que, como recompensa, recebiam generosa assistência durante toda a vida e um belo funeral.

Jesus cumprirá esse ato mágico invertendo de modo maravilhoso os valores humanos nele incorporados. Ele é o justo morrendo pelo bom, ele é o Rei que entrega sua vida pelos escravos, ele é aquele que se oferece voluntariamente pelos pecados cometidos não por ele mesmo, mas pelos de sua nação. Ele não se entrega para perpetuação de seu reino, para manutenção de seu status quo, antes para que através de sua morte seu reino possa ser doado, como herança aos seus súditos a quem através da morte dignifica e exalta tornando-se não superior a eles em virtude de seu sacrifício, antes igual, elevando o ser humano a estatura que ele tinha antes de vir ao mundo, ou a nova que recebe como título, filho de Deus.

Há também algumas razões para supor que o reinado de muitos dos antigos soberanos gregos era limitado a oito anos, ou pelo menos que, ao cabo de cada período de oito anos, uma nova consagração, uma nova unção de graça divina, era considerada como necessária para permitir-lhes o bom desempenho de seus deveres civis e religiosos.

A constituição de Esparta determinava que, a cada oito anos, os éforos escolhessem uma noite clara e sem luar e, sentando-se, observassem os céus em silêncio. Se durante essa vigília vissem um meteoro ou estrela cadente, deduziam que o rei havia pecado contra a divindade e o suspendiam de suas funções até que o oráculo deífico (De Delphos) ou o olímpico (De Olimpos) o restabelecesse no cargo. Esse costume, que tem toda a aparência de ser muito antigo, não foi letra morta nem mesmo no período final da monarquia espartana, pois, no século II a.C., um rei, que se havia tornado desagradável ao partido reformista, foi deposto sob várias acusações forjadas, entre as quais a alegação de que o pressago sinal havia sido visto.

Lucas 10

17 Então, os setenta e dois discípulos retornaram muito felizes e relataram: “Senhor! Até os demônios se submetem ao nosso comando, em teu Nome”. 18 Ao que Jesus lhes revelou: “Eu vi Satanás caindo do céu como relâmpago

É a esse costume ao qual faz referência Jesus quando fala da queda do reino passageiro, quando afirma que via satanás cair do céu como se fosse uma estrela cadente, ou um

meteoro, ou um raio, estava profetizando sob a luz do pensamento mágico que Satanás estava para perder o reino que usurpou no Éden!

Esta é uma sobrevivência, sob forma atenuada, de uma instituição que pode ter desfrutado outrora de grande significação, e lança uma luz importante

Sobre as restrições e limitações impostas antigamente, pela religião, aos reis dórios. Qual era exatamente a importância de um meteoro na opinião dos antigos dórios, dificilmente podemos ter esperanças de determinar; mas uma coisa é clara: consideravam-no como um sinal tão sombrio e ameaçador que seu aparecimento em certas circunstâncias justificava, e até mesmo exigia, a deposição do rei.

Esse medo exagerado de um fenômeno natural tão simples é comum a muitos selvagens até hoje, e dificilmente estaremos errados supondo que os espartanos o herdaram de seus ancestrais bárbaros, que podem ter visto com consternação, em muitas noites estreladas nas florestas da Alemanha, um meteoro cruzar o céu.

Na Babilônia, em tempos históricos, o reinado era praticamente vitalício, mas, em teoria, ao que parece, era apenas anual. Isso porque todos os anos, no festival de Zagnuk, o rei tinha de renovar seus poderes segurando as mãos da imagem de Marduck, em seu grande templo de Esagil, na Babilônia. Mesmo quando a Babilônia ficou sob o domínio assírio, os monarcas da Assíria deviam legitimar sua pretensão ao trono todos os anos indo à Babilônia e realizando a antiga cerimônia na festa do Ano-Novo.

Alguns deles acharam tão incômoda essa obrigação que, em lugar de cumpri-la, preferiram abrir mão do título de rei, contentando-se com outro, menos importante, de governador. Parece, além disso, que em épocas remotas, embora não no período histórico, os reis da Babilônia, ou seus predecessores bárbaros, perdiam não apenas a coroa, mas também a vida, depois de um ano de monarquia. Pelo menos é essa a conclusão a que as evidências que se seguem parecem levar. De acordo com o historiador Beroso, que, como sacerdote babilônico, falava com amplo conhecimento, celebrava-se anualmente na Babilônia um festival chamado Sacaea. Começava no décimo sexto dia do mês de Ious e durava cinco dias. Durante a festa, senhores e criados trocavam de lugar, passando os segundos a dar ordens e os primeiros a obedecer-lhes. Um prisioneiro condenado à morte era vestido com as roupas do rei, sentado no seu trono, e podia dar as ordens que desejasse, beber, comer, divertir-se e dormir com as concubinas do rei. Mas, ao fim dos cinco dias, era despido de suas vestes reais, flagelado e enforcado ou empalado. Durante seu breve reinado, tinha o título de Zoganes.

Se na Babilônia, antes do alvorecer da história, o próprio rei costumava ser imolado no festival de Sacaea, é natural supor que Sacaea não fosse outra senão Zagnuk ou Sakmuk, a grande festa do Ano-Novo, durante a qual, até os tempos históricos, o poder do rei tinha de ser formalmente renovado por uma cerimônia religiosa no templo de Marduck. Uma reminiscência da festa de Zagnuk parece perdurar na crença dos uezídis de que, no dia do Ano-Novo, Deus senta-se em seu trono, ordenando os decretos para o novo ano, atribuindo aos dignitários as suas várias funções e entregando-lhes credenciais, com a sua assinatura e selo.



Essa compreensão de que, na Babilônia, o prisioneiro condenado que vestia as roupas reais era imolado como um substituto do rei pode ser reforçada pela prática da África ocidental, onde, nos funerais de um rei, os escravos costumavam ser vestidos como ministros de Estado e, em seguida, sacrificados como tais em lugar dos verdadeiros ministros, seus senhores, que compravam por uma soma de dinheiro esse privilégio de morrer por procuração. Esses sacrifícios de substitutos foram testemunhados por um missionário católico em Porto Novo, na Costa dos Escravos. Os banyoros ou bakitaras, de Uganda, tinham um notável costume, que parece indicar que, até tempos recentes, observavam o hábito semelhante de limitar a um só ano o reinado e a vida de seus monarcas.

O costume é assim descrito pelo Cônego Roscoe:

"Aproximadamente na época do ano em que o rei havia sido enterrado, o monarca reinante disse a Bamuroga que preparasse uma festa para o falecido rei. Bamuroga escolheu um homem pobre do clã babito para representar o rei morto, e o escolhido passou a viver regidamente no túmulo do rei e a ser chamado pelo nome do monarca que representava, pois se acreditava ser ele o velho rei ressuscitado. Vivia no túmulo, era festejado e cumulado de honrarias e tinha pleno uso das mulheres do túmulo, isto é, as viúvas do velho rei. O monarca reinante mandava -lhe presentes e ele retribuía com bênçãos que enviava ao rei, à terra e aos animais. Distribuía à vontade presentes de vacas pertencentes ao rei e, durante oito dias, viveu ele mesmo como um rei. No nono dia, foi retirado do túmulo e estrangulado, e não se ouviu mais falar dele. Era uma cerimônia anual". Parece provável que esse falso rei que reinava por oito dias todos os anos fosse um substituto do próprio rei, que, dessa forma, morria anualmente na pessoa de seu substituto. Em tempos mais remotos, o rei talvez não tivesse outra escolha senão morrer ele próprio ao final de um breve reinado de apenas um ano.

Alternativas à eliminação do rei Reis temporários

Em certos lugares, a forma modificada do antigo costume de regicídio que parece ter predominado na Babilônia foi ainda mais amenizada.

O rei ainda abdicava anualmente por um curto período de tempo e seu lugar era ocupado por um soberano mais ou menos nominal; este, porém, ao final de seu breve reinado, já não era morto, embora por vezes um simulacro de execução ainda pudesse sobreviver como lembrança da época em que ele era realmente eliminado.

No mês de méac (fevereiro), o rei do Camboja abdicava, todos os anos, por três dias. Durante esse tempo, ele não exercia sua autoridade, não tocava nos selos, nem mesmo recebia as rendas que lhe eram devidas. Em seu lugar ficava um rei temporário, chamado de sdach méac, isto é, rei de fevereiro. O papel de rei temporário era hereditário entre os homens de uma família remotamente ligada à casa real: os filhos sucediam aos pais, os irmãos mas novos aos mais velhos, tal como na sucessão real. Num dia favorável, fixado

pelos astrólogos, o rei temporário era levado pelos mandarins em procissão triunfal. Era conduzido sobre um dos elefantes reais, sentava-se no palanquim real e era escoltado por soldados que, vestidos de forma apropriada, representavam os povos vizinhos do Sião, do Anam, do Laos e assim por diante. Em lugar da coroa de ouro, usava um gorro branco de pala, e os seus símbolos do poder, em vez de serem de ouro incrustados de diamantes, eram de madeira tosca. Depois de prestar homenagem ao verdadeiro rei, de quem recebia seu mandato de três dias, juntamente com toda a receita recolhida durante esse período (embora esse último costume tenha sido deixado de lado por algum tempo), desfilava em procissão em torno do palácio e pelas ruas da capital. No terceiro dia, depois da procissão habitual, o rei temporário dava ordens para que os elefantes esmagassem sob seus pés a "montanha de arroz", que era uma armação de bambu, cercada de montes de arroz. O povo catava e recolhia o arroz espalhado, do qual todos levavam consigo um pouco para assegurar uma boa colheita. Um pouco desse arroz era também levado ao rei, que o mandava cozinhar e o oferecia aos monges.

No Sião, no sexto dia da lua no sexto mês (fim de abril) é nomeado um rei temporário, que durante três dias desfruta das prerrogativas reais, enquanto o verdadeiro soberano fica trancado em seu palácio. Esse rei temporário envia seus numerosos acólitos em todas as direções para que se apessem e confiscem tudo o que encontrem no bazar e nas lojas abertas. Até mesmo os navios e juncos que chegam ao porto nesses dias passam a ser de sua propriedade e têm de ser resgatados. O falso rei vai para um terreno no meio da cidade e para ali também é levado um arado dourado, puxado por bois enfeitados. Depois que o arado é ungido e os bois são esfregados com incenso, o falso rei traça nove sulcos com o arado, no que é seguido pelas damas idosas do palácio, que vão espalhando as primeiras sementes da estação. Tão logo os nove sulcos são abertos, a multidão de espectadores se precipita e luta pelas sementes que acabaram de ser semeadas na crença de que, de mistura com as sementes de arroz, virá uma colheita abundante. Depois, os bois são desatrelados, e, à sua frente, são colocados arroz, milho, sésamo, bananas, cana-de-açúcar, melões, etc. Aquilo que os bois comerem primeiro constituirá, segundo a crença comum, um gênero caro no ano seguinte, embora certas pessoas interpretem o presságio de maneira contrária. Durante todo esse tempo, o rei temporário fica encostado a uma árvore com o pé direito sobre o joelho esquerdo. Por ficar assim num pé só, é conhecido popularmente como o rei perneta, embora seu título oficial seja phaya phollathep, "senhor das hostes celestiais". É uma espécie de ministro da agricultura; todas as disputas sobre campos, arroz, etc, lhe são submetidas. Há, além disso, outra cerimônia na qual personifica o rei, realizada no segundo mês do ano (que cai na estação fria) e que dura três dias. Nessa ocasião, ele é levado em procissão a um lugar a céu aberto, em frente ao templo dos brâmanes, onde vários mastros foram levantados, como os mastros de maio, e sobre os quais se balançam os brâmanes. Enquanto estes se balançam e dançam, o senhor das hostes celestiais tem de ficar de pé, sobre apenas um dos pés, num palanque de tijolos, forrado de tecido branco e adornado de tapeçarias. O falso rei fica em cima de um suporte de madeira dotado de uma cobertura dourada, com um brâmane de cada um dos lados. Os brâmanes que dançam têm consigo chifres de búfalo com os quais tiram, de um grande recipiente de cobre, água que aspergem sobre os espectadores. Acredita-se que isso trará boa sorte, fazendo com que as pessoas vivam em paz e tenham tranqüilidade, gozem de boa saúde e sejam prósperas. O tempo durante o qual o senhor das hostes celestiais tem de ficar sobre um dos pés é de cerca de três horas. Acredita-se que isso "ponha à prova as disposições dos devattas e dos espíritos". Se ele baixar o pé, "estará sujeito a perder suas propriedades, e sua família poderá ser escravizada pelo rei, pois isso é considerado como um mau presságio, prenunciando a

destruição do Estado e a instabilidade do trono. Mas, se ele aguentar com firmeza, acredita-se que tenha conquistado uma vitória sobre os espíritos malignos, e lhe é conferido o privilégio suplementar, pelo menos ostensivamente, de confiscar qualquer navio que entre na baía durante aqueles dias e ficar com sua carga, bem como o privilégio de entrar em qualquer loja da cidade e levar o que quiser". Eram esses os deveres e os privilégios do rei perneta siamês até meados do século XIX ou mais tarde ainda.

Alguns aspectos relativos a esses reis temporários merecem comentário especial antes de passarmos às evidências seguintes. Em primeiro lugar, os exemplos mostram claramente que só são transferidas para o substituto temporário do rei as funções mágicas ou divinas. Isso se evidencia pelo detalhe de que, ao manter levantado o seu pé, o rei temporário do Sião conquistava uma vitória sobre os maus espíritos e, se o deixasse pousar no chão, punha em risco a existência do Estado. A cerimônia cambojana dos elefantes pisando a "montanha de arroz" e a cerimônia siamesa de dar início à aradura e à sementeira da terra são encantamentos destinados a propiciar uma seara abundante, como se percebe pela crença de que aqueles que levarem para casa um pouco do arroz pisoteado ou da semente espalhada terão uma boa colheita. Além disso, quando o representante siamês do rei manobra o arado, o povo o observa

ansiosamente, não para ver se abre um sulco reto, mas para marcar o ponto exato de sua perna a que chega a barra de sua roupa de seda, pois disso parecem depender as condições do tempo e a colheita na estação seguinte. Se o senhor das hostes celestiais levanta sua saia acima do joelho, o tempo será chuvoso e as plantações poderão ser prejudicadas. Se deixa a roupa arrastar-se até o calcanhar, haverá uma seca. Mas haverá bom tempo e boas colheitas se a barra da roupa ficar exatamente no meio da sua canela. O curso da natureza, e com ele a felicidade ou desgraça do povo, tem, portanto, uma ligação extremamente íntima com os menores atos ou gestos do representante do rei. Mas a tarefa de fazer com que as plantações cresçam, assim transferida ao rei temporário, é uma das funções mágicas que devem ser cumpridas pelos reis na sociedade primitiva. A exigência de que o falso rei fique em um pé só sobre um suporte elevado num campo de arroz talvez significasse originalmente um encantamento para fazer com que as plantações crescessem bastante, e em boa posição.

Vimos como o rei temporário é nomeado anualmente de acordo com o costume. Em outros casos, porém, a nomeação é feita apenas para atender a uma emergência, como, por exemplo, para proteger o verdadeiro rei de um mal real ou potencial, que é desviado para um substituto que ocupa o seu lugar no trono por um breve período. A história da Pérsia nos oferece exemplos desses substitutos ocasionais do Xá.

Um deles relaciona-se com o Xá Abas, o Grande, o mais eminente de todos os reis persas, que reinou de 1586 a 1628 de nossa era. Seus astrólogos advertiram-no de que, no ano de

1591, um sério perigo pairava sobre ele, e o rei tentou contorná-lo abdicando do trono em favor de um certo infiel, de nome Yussuf, provavelmente um cristão. O substituto foi devidamente coroado e, durante três dias, a acreditar nos historiadores persas, não só usou o nome do rei, como também gozou da sua condição e do seu poder. Ao fim desse breve reinado, foi executado: a vontade das estrelas foi cumprida com esse sacrifício, e Abas, que reassumiu seu trono numa hora mais propícia, teve de seus astrólogos a promessa de um longo e glorioso reinado.

Voltando ao texto de Daniel,

Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo;

Podemos compreender o anúncio de um rei que não seria TEMPORÁRIO. Jesus se assentará para sempre num trono como uma divindade que não pode ser deposta, que não pode ser substituída. Todos os reinos humanos são temporários, todas as transferências de poder ou identidade real passavam por um rito de renovação, e para expiação da maldade nacional, ou casos de degeneração da saúde do soberano, eram necessários ritos de substituição, onde ou o rei seria deposto e um novo assumiria seu posto, ou um rei temporário seria coroado, como se fosse um ‘bode expiatório’ para levar os pecados da nação e assim legitimar sua continuidade no trono. Ou ritos de conexão entre o rei e a divindade teriam que ser realizados continuamente para reafirmação da ligação entre o rei e sua ascendência divina.

Jesus assumirá em sua pessoa messiânica todas as visões religiosas, míticas e mágicas da antiguidade, todos os simbolismos creditados aos reis do passado. Sua ascendência divina real, sublime que nos reis era imaginada, nele será uma verdade incontornável, seu nascimento anunciado tanto por profecias, centenas delas, como acompanhado de uma estrela que era sinal da chegada de um grande soberano, sua perfeição em santidade, onde não se negava a aproximação humana, mas o vivendo em sua alma o que o rito da ‘intocabilidade’ significava, a separação de sua essência espiritual do pecado humano. A terra, a saliva, o abraço, o toque de prostitutas, a algazarra das crianças, o alvoroço de uma multidão, a abstenção de práticas de purificação meramente humanas, ele transcende as inúteis tentativas de preservarem a ‘decência’ ou a ‘transcendência’ dos homens-deuses ou dos reis-divinos misturando-se as gentes sem se contaminar. A paixão de Jesus o torna igual ao rei desvalido, enfermo, o que teria que ser rejeitado ou condenado a morte, e assim é realizado com perfeição profética, sem aceita substituto para tal humilhação pública, para a execração, para a tortura e mesmo morte. Jesus é o rei enfermo, quando crucificado de modo profético em três línguas estava escrito – Rei dos judeus - cumprindo nele o terror supremo dos soberanos da Ásia, que escondiam veementemente qualquer sinal de cansaço, ou de enfermidade para não serem mortos pelos próprios nobres ou oficiais da corte. Jesus então é tornado rei temporário, apesar dele ser o rei eterno, e cumprindo o tempo de seu pesadelo, toma pelas próprias mãos a vida que derramou para purificar o mundo do qual é o dono das terras, incluindo o monte no qual morreu. Quando ele ressuscita dos mortos cumpre os rituais de renovação dos reis do mundo inteiro, reassume sua coroa para sempre, do mesmo modo que os reis do mundo o fazem, temporariamente. A perfeição da representação da religiosidade mágica é suprema quando Jesus toma sobre si a nossa enfermidade. Quando ele adocece. Quando ele sofre. Isso é inadmissível para os reis da antiguidade. Seria seu fim, seria sua destituição sumária. Então Jesus faz o que nenhum rei

do mundo pode realizar. É rejeitado, é deposto, é morto e retorna curado, entronizado, imortal para exercer um domínio que jamais passará.

### O sacrifício do filho do rei

Um detalhe a notar sobre os reis temporários descritos acima é que, no Camboja, eles vêm de uma família que parece estar ligada por parentesco à família real. Se a interpretação dada aqui à origem desses reinados temporários é correta, podemos compreender facilmente porque o substituto do rei deve, em certos casos, ser da sua mesma raça. Quando o rei conseguiu que a vida de outra pessoa fosse aceita em sacrifício, em lugar da sua própria vida, teve de mostrar que a morte desse outro serviria tão bem aos propósitos visados quanto o sacrifício do próprio rei. Ora, era como deus, ou semideus, que o rei tinha de morrer; portanto, o substituto que morria em seu lugar tinha de ser investido, pelo menos para essa ocasião, dos atributos divinos do rei. Isso, como acabamos de ver, ocorria certamente no caso dos reis temporários do Sião e do Camboja: eram investidos das funções sobrenaturais que, numa fase anterior da sociedade, eram atributos específicos do rei. Mas ninguém poderia representar melhor o rei em seu caráter divino do que seu próprio filho, que poderia compartilhar da condição divina de seu pai. Ninguém, portanto, mais indicado para morrer pelo rei e, através dele, por todo o povo, do que o filho do rei.

De acordo com a tradição, Aun ou On, rei da Suécia, sacrificou nove de seus filhos a Odin, em Uppsala, para que sua vida fosse poupada. Depois de ter sacrificado o segundo filho, recebeu do deus a resposta de que poderia viver enquanto lhe sacrificasse um de seus filhos a cada nove anos. Ao sacrificar o sétimo filho, ainda vivia, mas estava tão fraco que não podia andar e tinha de ser levado numa cadeira.

Ofereceu então o oitavo, e viveu mais nove anos, deitado numa cama. Depois, sacrificou o nono filho, viveu outros nove anos, mas de tal modo que tinha de beber de um chifre como uma criança pequena. Quis, então, sacrificar seu último filho a Odin, mas os suecos não permitiram. Morreu, portanto, e foi enterrado em Uppsala.

Um costume semelhante existiu entre alguns chefes chaggas, no monte Kilimanjaro, na África oriental. A respeito deles "diz-se que, antigamente, quando um chefe estava seriamente doente, sacrificava primeiro animais, em grande número, aos seus ancestrais; em seguida, sacrificava aos ancestrais dos chefes que haviam sido vencidos e mortos, e, finalmente, aos ancestrais de todos os que havia matado na guerra. O grande chefe Rongoma sacrificou a Ruwa até mesmo seu primogênito, e o mesmo se diz de outros chefes, em tempos antigos".

Entre os semitas da Ásia ocidental, o rei, num momento de perigo nacional, dava por vezes seu próprio filho em sacrifício pelo povo. Assim, Filo de Biblos, em sua obra sobre os judeus, diz: "Era costume antigo numa crise de grande perigo dar o governante da nação ou da cidade o seu filho bem-amado para morrer por todo o povo, como um resgate oferecido aos demônios vingadores, e esses filhos assim oferecidos eram sacrificados com ritos místicos". Assim Cronus, a quem os fenícios chamam Israel, sendo rei da terra e tendo um único filho, chamado Jeud (pois, na língua fenícia, Jeud significa "unigênito"), vestiu-o com roupas reais e o sacrificou num altar, em tempo de guerra, quando o país corria grande

perigo diante do adversário. Quando o rei de Moab foi sitiado pelos israelitas e corria grande risco, tomou seu primogênito, que deveria reinar em seu lugar, e sacrificou-o como uma oferenda candente sobre a muralha.

Entre os semitas, porém, a prática de sacrificar filhos não se limitava aos reis. Em tempos de grande calamidade, como a peste, a seca ou a derrota na guerra, os fenícios costumavam sacrificar uma pessoa querida a Baal. "A história fenícia", diz um autor antigo, "está cheia desses sacrifícios." Crianças eram publicamente imoladas pelos cartagineses até a época do proconsulado de Tibério, que fez crucificar os sacerdotes nas árvores ao lado de seus templos.

Não obstante, o costume continuou sendo observado secretamente até a época de Tertuliano. Entre os cananeus, ou habitantes aborígenes da Palestina, que os israelitas conquistaram mas não exterminaram, o sombrio costume de queimar suas crianças em honra de Baal ou Moloch parece ter sido praticado regularmente. Quando o cronista hebreu registrou a maneira pela qual Shalmaneser, rei da Assíria, sitiou Samaria durante três anos e a tomou, levando Israel em cativeiro, explica que isso foi um castigo divino que caiu sobre seu povo por este ter sido complacente com os costumes malignos dos cananeus. Eles haviam construído edificações elevadas em todas as suas cidades, levantado pilares e mastros sagrados (asherim) em todas as altas colinas e sob todas as árvores verdes e ali queimavam incenso à maneira dos pagãos. "E esqueceram todos os mandamentos do Senhor seu Deus, e fizeram imagens moldadas, até mesmo dois bezerros, e fizeram um Asherah, e adoraram todas as hostes celestiais e serviram a Baal. E fizeram com que seus filhos e filhas passassem pelo fogo, e usaram encantamentos e adivinhações."

Podemos, portanto, deduzir com segurança que um costume de permitir aos reis que matassem seus filhos como substitutos, num sacrifício indireto, não seria excepcional nem surpreendente, pelo menos em terras semitas, onde em verdade a religião parece ter, em certa época, recomendado ou concitado todos os homens, como a um dever para com seu deus, a tirarem a vida do filho mais velho. E estaria totalmente de acordo com a analogia se, muito depois de ter sido o bárbaro costume abandonado por outros, continuasse a ser observado por reis que permaneceram, sob muitos aspectos, como representantes de um mundo desaparecido, como pináculos solitários resistindo à montante devastação das águas sob as quais jaz o passado.

Festa chamada Sacaia,

J Frazer faz um apanhado de relatos e reconstrói uma antiga festa babilônica da Antiguidade. Pelo fato de não compreender a transcendência do mágico nas Escrituras, o desejo do anúncio de verdades espirituais em meio a um mundo mágico ele erra em várias conclusões, pois não possui o conhecimento suficiente sobre a pessoa de Cristo e da conseqüente abrangência de suas representações. Por isso pensa que as religiões da Mesopotâmia influenciaram as festas bíblicas ou a construção da figura do Messias. As Escrituras vão muito além nos seus paralelos com o mundo mágico, mítico e religioso da antiguidade do que a semelhança com essa ou aquela festa pagã. Ela transita entre todos os mundos, literários, sociais, religiosos, míticos e mágicos, propositadamente. As profecias na boca dos profetas, as visões do espírito de Deus e qualquer ato miraculoso ou prodígio profético desde o instante em que Arão joga sua vara que se transforma em serpente na frente dos magos egípcios, até a ressurreição de Cristo, são atos de afronta, de comparação, de desmitificação, de aprofundamento de milhares de anos de religião, debaixo do descabro da loucura humana. E todas as formas religiosas da antiguidade serão

contrastadas com as verdades espirituais e as revelações dadas pelos profetas, sem ficar absolutamente nada de fora. E com Tamuz e Ishtar ou Astarte, não seria diferente. Os profetas enfrentaram os mitos religiosos ainda em sua formação, a história da profecia bíblica acompanha os ritos mágicos, as religiões em transformação, a fusão de conceitos, a mudança de rituais, as visões cosmológicas e toda imaginação mágica da humanidade. Ishtar será 'convidada para dançar' pela vida e profecia na boca de Oséias, através da história de Gomer, as deusas da fertilidade serão expostas no seu caráter de prostitutas e de devassidão sexual inúmeras vezes deixando bem claro o conteúdo de licenciosidade dos cultos e seu caráter comercial. Os sacrifícios humanos serão execrados e até as cidades cuja religião se baseou na morte de crianças será tida como coisa maldita, destinada a destruição. Tamuz será objeto do choro de mulheres Israelitas e isso conduzirá a rejeição de um casamento espiritual, do abandono de uma presença santa e sobrenatural do templo, a shekinah, a glória divina, que dará as costas a uma geração que de costas para a arca do concerto, chorava a morte de um deus inexistente. Quando Ester nascer, haverá um acerto de contas profético com esse amante falsificado, divindade figurativa, consorte e amante sem poder, que inclusive morre na história mítica, que só servia para atender os anseios da esposa-deusa insaciável e apoiar a legitimação do trono de outro, até que a próxima festa ocorresse, ao menos, de rei-temporário qualquer.

#### Festa de Sacaea

Era realizada na Babilônia durante cinco dias do mês de *lous*, a partir do décimo sexto dia desse mês. Durante a sua realização, tal como nas Saturnais, amos e servos trocavam de lugar, e os segundos passavam a dar as ordens aos primeiros. **E, em todas as casas, um dos criados, vestido como um rei e com o título de Zoganes, era quem mandava.** Além disso, tal como nas Saturnais em sua forma original, quando um homem era vestido como Rei Saturno em roupagens reais e podia dar livre curso às suas paixões e caprichos, para, em seguida, ser executado, também na festa babilônica **um preso condenado à morte, que provavelmente também usava momentaneamente o título de Zoganes, era ataviado com vestes reais e podia agir como déspota, usar as concubinas reais e entregar-se à orgia e ao desregramento sem limites**, para depois ser despido de suas roupas reais, açoitado e enforcado ou crucificado.

Ora, a festa chamada Sacaea, descrita pelo sacerdote babilônio Beroso no primeiro livro de sua história da Babilônia, foi, plausivelmente, identificada com a grande festa babilônica do Ano-Novo, chamada de *Zakmuk*, *Zagmuk*, *Zakmuku* ou *Zagmuku*, e que se tornou conhecida em épocas mais recentes graças a inscrições. A festa do Ano Novo, que ocupava pelo menos os primeiros onze dias de *nisan*, incluía provavelmente o equinócio da primavera. Era realizada em honra de Marduk, ou Merodach, o principal deus da Babilônia, cujo grande templo de Esagila, no centro da cidade, constituía o centro religioso da solenidade. Ali, numa câmara esplêndida do vasto edifício, acreditava-se que todos os deuses se reuniam nessa época, sob a presidência de Marduk, com o objetivo de determinar os destinos do novo ano, especialmente o destino do rei. Nessa ocasião, o rei da Babilônia tinha de renovar, anualmente, o seu poder real, segurando as mãos da imagem de Marduk, em seu templo, como se indicasse que recebia o reino diretamente da divindade e não poderia, sem a assistência e a autoridade divinas, conservá-lo por mais de um ano.

Outro aspecto notável dessa festa babilônica do Ano-Novo parece ter sido o casamento cerimonial do deus Marduk. Um hino relacionado com a solenidade diz que **o deus "se apressou para seu casamento"**. A festa era muito antiga, pois era conhecida

**de Gudéia, um velho rei da Babilônia do Sul, reino que floresceu de dois a três mil anos antes do início da nossa era, e é mencionada numa antiga descrição do Grande Dilúvio.** Num período muito posterior, é repetidamente mencionada pelo Rei Nabucodonosor e por seus sucessores. Infelizmente, as informações sobre essa festa babilônica do Ano-Novo que nos chegaram tratam principalmente de seu aspecto mítico e pouca luz lançam sobre a maneira pela qual era celebrada. Portanto, sua identidade com a festa Sacaea deve permanecer, no momento, como uma hipótese mais ou menos provável. Em seu favor podemos alegar a declaração muito significativa de que o destino do rei era determinado pelos deuses, sob a presidência de Marduk, na festa de Zakmuk ou do Ano Novo. Se lembrarmos que a característica central da festa Sacaea parece ter sido a de prolongar a vida do rei por mais um ano graças ao sacrifício vicário de um criminoso na cruz ou na forca, poderemos compreender que o período era crítico para o rei e que bem pode ter sido considerado como decisivo para seu destino durante os doze meses seguintes. A cerimônia anual da renovação do poder do rei pelo contato com a imagem do deus, que constituía um aspecto destacado da festa de Zakmuk, seria realizada, muito adequadamente, logo depois da imolação ou sacrifício do rei temporário, que morria em lugar do verdadeiro monarca.

Outro argumento em favor da identidade das duas festas é proporcionado pela conexão que se estabeleceu entre ambas e a festa judaica Purim. A festa Purim era, e ainda é, realizada no décimo quarto e no décimo quinto dias de *adar*, o último mês do ano judaico, que corresponde aproximadamente ao mês de março. **Assim, a data coincide aproximadamente, embora não exatamente, com a da festa de Zakmuk babilônica, que caía uma quinzena depois, nos primeiros dias do mês seguinte de nisan.** Se o elo que liga a festa Purim com a festa de Zakmuk é razoavelmente forte, a cadeia de evidências que relaciona a festa judaica com a Sacaea é bem mais forte.

A identidade é proposital. Os judeus estão em sua diáspora em Susã, espalhados por cidadelas da antiga Babilônia, sob nova direção, o recém chegado império Medo-Persa. Na diáspora os judeus não possuem organização administrativa, não possuem sacerdócio e nem poderio militar. Não possuem soldados ou identidade nacional. Estão indefesos, espalhados, sobreviventes das tragédias espirituais que viabilizaram as tragédias sociais que culminaram em guerra e destruição nacional. As sinagogas nasceriam nessa situação. O Espírito então criará uma heroína, não uma personagem de ficção mítica como Astarte. Mas de carne e sangue, da mais baixa classe social existente na época, na pior situação social e familiar que poderia ser concebida, cativa, prisioneira, escrava, órfã. E a partir dessa premissa, reconta a essência do amor espiritual verdadeiro, descortina o significado de eleição, deixa uma história que mostra a providencia, a separação, os princípios de dignificação. O livro de Ester é o evangelho pregado a Babilônia e ao mundo persa. .

Os dois dias de festa, de acordo com o autor do Livro de Ester, deveriam ser mantidos para sempre como "dias de banquetes e de alegria, e de todos mandarem presentes uns aos outros e, aos pobres, dádivas". E esse caráter alegre da festa parece ter sido sempre conservado. Na verdade, a festa Purim já foi descrita como **as bacanais judaicas**, e que nessa época, tudo seria permitido, desde que contribuísse para a alegria e a felicidade da festa. Há uma deturpação posterior, após a diáspora judaica, do sentido da celebração original. Autores do século XVII afirmam que, durante os dois dias, e especialmente na véspera do segundo dia, os judeus não faziam outra coisa senão comer e beber até não poderem mais, tocar, dançar, cantar e divertir-se; em particular, travestiam-se: homens e mulheres trocavam de roupa e, assim fantasiados, **corriam pelas ruas como loucos, desafiando abertamente a lei de Moisés, que proíbe expressamente aos homens se**



**vestirem como mulheres e vice-versa.** Esse exagero era uma brincadeira acrescida aos festivais originais. Se examinarmos a narrativa que pretende explicar a instituição da festa Purim, veremos este parentesco, não confundir com origem, **abilónico, como também certas analogias singulares com as próprias características da festa Sacaea.** (a base desse parágrafo é uma abordagem original de George Frazer, que não conhecia Fator Melquisedeque, nem a variedade das representações bíblicas do Evangelho nas áreas lúdicas, de dança, artísticas, literárias, culturais e mágicas, Frazer não era biblicista – A festa de Ester viria a sofrer influências mundanas – ela se transformou numa espécie de carnaval após a idade média - mas entre a festa original e sua ‘deturpação’ há uma período de cerca de 1500 anos – os acontecimentos do livro de Ester são de cerca de 470 anos a. C – os relatos de interpretação carnavalesca são de 1700 d. C ).

O Livro de Ester versa sobre a sorte de dois homens, o vizir Hamã e o desprezado judeu Mordecai, na corte de um rei persa. Mordecai, pelo que a história nos diz, ofendera mortalmente o vizir, que, por isso, mandara levantar um alto patíbulo, no qual esperava ver seu inimigo enforcado, enquanto ele próprio acreditava que receberia a mais alta marca do favor real: **a permissão de usar a coroa e as vestes reais e, assim paramentado, atravessar as ruas montado no cavalo do próprio rei, seguido por um dos mais nobres príncipes, que deveria proclamar à multidão sua exaltação e glória temporárias.** Mas as intrigas do maldoso vizir fracassaram e resultaram precisamente no oposto do que ele havia esperado e desejado, pois as honras reais que ambicionava foram concedidas ao seu rival Mordecai, tendo sido ele, vizir, enforcado no patíbulo que preparara para seu inimigo. **Há nessa história uma reminiscência, mais ou menos confusa, do Zoganes da festa Sacaea, ou seja, do costume de investir um homem comum das insígnias da realeza por alguns dias e em seguida dar-lhe morte no patíbulo ou na cruz.**

Porque Mordecai simbolizará uma realidade futura – A paixão e morte do Messias - com base nas histórias que os babilônicos escutavam desde o nascimento.

Frazer observou que, correspondentes aos dois aspirantes rivais à realeza temporária, há, na narrativa judaica, duas rainhas rivais, Vasti e Ester, uma das quais ascende à alta condição de que a outra é apeada. Além disso, devemos notar que Mordecai, o candidato à realeza simulada que obtém êxito, e Ester, a candidata bem-sucedida à condição de rainha, são ligados por laços estreitos de interesse e sangue, pois são primos. Isso sugere que, na história original, ou no costume original, podem ter figurado dois pares de reis e rainhas, dos quais um par é representado na narrativa judaica por Mordecai e Ester, e o outro, por Hamã e Vasti.

Há um patamar de paralelos que vão se desdobrando no decorrer do livro de Ester.

O nome Mordecai, que não tem sentido em hebraico, é apenas uma forma levemente modificada de Marduk ou Merodach, nome do principal deus da Babilônia, cuja grande festa era o Zakmuk; e mais, admite-se geralmente que Ester é, da mesma forma, equivalente a Ishtar, a grande deusa babilônica chamada pelos gregos de Astarte e conhecida também como Ashtaroth.

O Espírito de Deus recontava de modo magistral a história de Marduk e Ishtar através de Mardoqueu e Ester! A doçura com que ele retrata aspectos da história e da providência são uma releitura da devassidão de um modo muito casto. A essência das festas possui significados espirituais, mas o que se fazia era puro bacanal. **A religiosidade da antiguidade tem motivos bons, mas de prática abominável.** Ao aproximar-nos do

mundo mágico o Espírito age como quem esculpe gemas preciosas, com olhar crítico, com habilidade de um mestre, ele trabalhará as histórias para deixar o que do contexto da imaginação mágica humana, não está envenenado. O que não é mortal ao consumo espiritual, o que não foi deturpado.

Todas as Escrituras mergulham de cabeça, por assim dizer, neste contexto mágico da antiguidade, e somente o Espírito de Deus poderia nadar em águas tão contaminadas pela espiritualidade pagã e nos conceder os recursos evangelísticos necessários para falar de coisas espirituais verdadeiras, a partir de um contexto tão religioso.

Zoganes da festa de Sacaea pode ser visto em Aman e Mordecai. Zoganes, durante seus cinco dias de função, personifica não apenas um rei, mas um deus, fosse ele o babilônico Marduk ou qualquer outra divindade ainda não identificada. A união das personagens divina e real numa única pessoa é tão comum que não nos devemos surpreender de encontrá-la na antiga Babilônia.

E a interpretação de que o rei simulado da festa Sacaea morria como um deus na cruz ou na forca não é nova. O arguto e erudito Movers observou, há já muito tempo, que "estariamos esquecendo a significação religiosa das festas orientais e a ligação da festa Sacaea com o culto de Anait se tratássemos como simples brincadeira o costume de fantasiar um escravo de rei. Podemos considerar como certo que, com a dignidade real, o rei da festa Sacaea assumia também o caráter de um governante oriental representante da divindade, e que, quando buscava o prazer com as mulheres do harém do rei, desempenhava o papel do próprio Sandan ou Sardanapalo. **De acordo com as antigas idéias orientais, o uso das concubinas reais constituía um título de pretensão ao trono**, e sabemos, por Dio, que o rei de cinco dias tinha plenos direitos ao harém".

Unindo as tradições mágicas da antiguidade

“Também inclinamo-nos a encarar com simpatia a conjetura suplementar de Movers de que uma escrava pudesse ser escolhida para desempenhar o papel da rainha divina, associada ao papel de rei divino que cabia ao Zoganes, e que reminiscências dessa rainha sobreviveram no mito ou na lenda de Semíramis. De acordo com a tradição, Semíramis era uma bela cortesã amada pelo rei da Assíria, que a desposou. Ela conquistou o coração do rei a tal ponto que o convenceu a ceder-lhe o reino por cinco dias e, tendo assumido o trono, empunhado o cetro e envergado as vestes reais, organizou um grande banquete no primeiro dia, mas, no segundo, fez encerrar o marido na prisão ou o mandou matar e, a partir de então, reinou sozinha. Além disso, já se mostrou que o culto da deusa persa Anait não só foi modelado pelo culto de Astarte em geral, mas que corresponde também à modalidade particular desse culto que se associava especificamente ao nome Semíramis.”

“A identidade de Anait com a mítica Semíramis é evidentemente provada pela circunstância de que o grande santuário de Anait em Zela, no Ponto, **foi, na realidade, construído sobre um túmulo de Semíramis**. Provavelmente o antigo culto da deusa semita tivesse perdurado mesmo depois de ter sido o seu nome semita Semíramis ou Astarte modificado para o nome persa Anait, talvez em obediência a um decreto do rei persa Artaxerxes II, que difundiu esse culto pelo oeste da Ásia. É muito significativo não só que a festa Sacaea fosse realizada anualmente nesse antigo local de culto de Semíramis ou Astarte, **como também que toda a cidade de Zela houvesse sido primitivamente habitada pelas escravas e prostitutas sagradas, governada por um sumo pontífice que a administrava mais como um santuário do que como uma cidade**. Podemos supor que, anteriormente, esse rei sacerdote tivesse, ele próprio, encontrado morte violenta durante a festa Sacaea, como o

amante divino de Semíramis, enquanto o papel da deusa era desempenhado por uma das prostitutas sagradas.”

A probabilidade de que assim fosse fica muito fortalecida pela existência do chamado túmulo de Semíramis sob o santuário. Isso porque os túmulos de Semíramis, distribuídos por toda a Ásia ocidental, teriam sido os túmulos de seus amantes, aos quais ela enterrava vivos. Segundo a tradição, a grande e sensual Rainha Semíramis, receosa de contrair matrimônio legal para que seu marido não a privasse do poder, admitia em seu leito os mais belos soldados, mas para depois destruí-los. Ora, essa tradição é uma das indicações mais seguras da identidade da Semíramis mítica com a deusa babilônica Ishtar ou Astarte. O famoso poema épico babilônico que narra os feitos do herói Gilgamesh nos conta como, quando este se vestiu com os trajes reais e colocou sua coroa na cabeça, a deusa Ishtar tomou-se de amores por ele e o cortejou para seu consorte. Mas, Gilgamesh rejeitou suas insinuações insidiosas, pois conhecia o triste destino de todos os seus amantes, e censurou a cruel deusa, dizendo:

*"A Tamuz, o amante da tua juventude, Fizeste-o chorar a cada ano. Ao colorido pássaro allallu amaste: Nos bosques ele está, e se lamenta: Ó minhas asas!" Amaste o leão de força perfeita, Sete vezes sete armadilhas lhe preparaste. Amaste o cavalo que pelos campos se alegrava E com chicote e esporas e rédeas o fizeste marchar. E o obrigaste a andar por sete duplas horas, Forçando-o quando estava cansado e sedento. A tua mãe, a deusa Silili, fizeste-a chorar. Também amaste um pastor do rebanho, Que constantemente te enchia a taça para as libações E todos os dias abatia carneiros para ti. Mas tu o golpeaste e o transformaste num lobo Para que seus próprios companheiros o perseguissem E seus próprios cães o estraçalhassem".*

O herói também conta o fim miserável de um jardineiro a serviço do pai da deusa. O desafortunado camponês foi honrado com o amor da deusa, mas quando ela se cansou dele, transformou-o em aleijado, de tal modo que ele não se podia levantar da cama. Gilgamesh receia, portanto, ter a mesma sorte de todos os antigos amantes da deusa e rejeita os favores que ela lhe oferece. Mas não é apenas o mito de Ishtar que se assemelha assim à lenda de Semíramis; o culto da deusa era marcado por um desregramento que encontra eco no caráter licencioso que a tradição atribui à rainha. Inscrições, que confirmam e complementam as evidências de Heródoto, nos dizem que Ishtar era servida por prostitutas de três diferentes classes, todas dedicadas ao seu culto. Na verdade, há motivos para se acreditar que essas mulheres personificavam a própria deusa, já que um dos nomes a elas dado é aplicado também a Ishtar. Assim, dificilmente podemos duvidar de que a Semíramis mítica seja substancialmente uma forma de Ishtar ou Astarte, a grande deusa semita do amor e da fertilidade; e, se assim é, podemos supor, com uma margem pelo menos razoável de probabilidade, que o sumo pontífice de Zela, ou o seu representante, que desempenhava o papel de rei da festa Sacaea no santuário de Semíramis, percia como um dos infelizes amantes da deusa, talvez como Tamuz, a quem ela fez "chorar a cada ano". Encerrada a sua breve e meteórica carreira de prazer e glória, seus ossos seriam colocados no grande túmulo que cobria os restos de muitos deuses mortais, seus antecessores, aos quais a deusa havia honrado com o seu amor fatal.

A morte de Jesus é a vindicação mágica do supremo sacrifício do mais honrado dos homens, o príncipe herdeiro. A sociedade da antiguidade valorava os seres humanos de acordo com sua posição social ou nascimento. De todas as vítimas sacrificiais os mais sublimes, importantes e poderosos sacrifícios eram dos filhos dos reis. Isso significava aos olhos de uma geração mágica da antiguidade o sacrifício supremo, o mais doloroso, a maior oferenda que um reino poderia oferecer, tendo em vista a questão de que o rei não poderia morrer porque já representava em pé de igualdade a divindade que uma nação invocava. A morte humana era aos olhos divinos uma terrível abominação. Na antiguidade isso acontecia em momentos de tremenda calamidade, porém os sacrifícios humanos foram sendo transferidos para os bode-expiatórios humanos. Quando Jesus se entrega para a morte ele representa o filho do REI DO UNIVERSO, do SOBERANO DEUS. Ele é o príncipe herdeiro que se entrega para salvação da comunidade humana. Ele faz o sacrifício que nenhum rei do mundo é capaz de realizar, porque se o fizer morrerá para sempre e perderá seu lugar ao trono. Como Jesus tinha o poder de dar a sua vida e de RETOMÁ-LA ele pode ser ao mesmo tempo o sacrifício perfeito e salvador, e retomar sua posição para continuar a exercer seu direito ao reino.

O Messias será o sacerdote e rei, de acordo com milhares de tradições mágicas, porém também será sacrifício e vida, sem necessitar de um substituto, um rei temporário, um escravo que assuma as suas funções para depois morrer. Ele que nasceu para ser rei caminha para o patíbulo da cruz sem aceitar seu livramento. Em vários povos a imagem do deus que morre ou do deus que precisa morrer é uma constante. E também uma necessidade. Ao observar os ciclos da natureza e reimaginar os deuses sobre a ótica da mortalidade humana, de suas paixões e dramas, o mundo mágico entendeu que a vida na terra dependia de que parte dos seus deuses deixassem de existir, mesmo que por um período. Fosse ao olhar as estações ou mesmo o dia e a noite, o ocaso do sol, e o amanhecer. Compreendiam que se seu deus morresse sua energia se derramaria sobre os grãos, e plantações e sobre a terra e ela seria a partir disso renovada. E que após esse 'derramar' de energia, fruto de sua morte, ele ressurgiria para dar continuidade a sua existência. Os cultos de lamentação da antiguidade por Osíris, Adônis, Tamuz, Hipólito ou Virbio, onde virgens choravam sua morte cósmica, são fruto dessa imaginação mágica. **Jesus cumprirá esse anseio imaginado, de modo espiritual.** Já estava no script. De certo modo as religiões declaram isso, elas possuem o germe da revelação divina, elas traduzem, ainda que dissimuladamente, todas elas, o que somente Cristo poderia realizar na cruz do calvário. O mundo mágico tem origem em coisas espirituais, mas que foram corrompidas pela maldade espiritual e humana. O mágico significa contato com entidades, poderes, seres espirituais que comunicam seus saberes, suas doutrinas, seus pensamentos com os seres humanos. Nenhum antropologista ousa passar do limite psicológico das práticas mágicas. Porém profetas ultrapassam esse limite. O que não foi escrito pelos etnógrafos é que o mundo do além, o mundo mágico possui VOZ. Há influência, há doutrinas, existe algo externo ao ser humano que lhe dirige as práticas mágicas. As possessões e os tranSES não são danças inocentes, nem rituais silenciosos. Os sacerdotes e feiticeiros ouvem e veem coisas, e são por visões, revelações, e vozes, orientados. O espiritual verdadeiro se perdeu num mundo de vozes malignas. O pensamento mágico da humanidade e suas práticas de feitiçaria e magia, são fruto de desprezar as verdadeiras revelações divinas e as substituí-las pela doutrina dos espíritos, poderes, entidades e vozes. A religião humana nasce dessa rejeição de valores espirituais verdadeiros, e da substituição por uma espiritualidade corrompida. Então, quando as mulheres choram por Adônis, o choram pelo senhor errado. Porque suas religiões apontam para uma realidade que só possui significado em Jesus, que só se torna verdadeira na história da redenção.

No grande santuário da deusa em Zela, cidade de Babilônia, o mito de Tamuz e Ishtar se traduzia regularmente em ação: **a história de seu amor e a morte de seu divino amante eram dramatizadas ano a ano numa espécie de auto, por homens e mulheres que viviam por algum tempo, e por vezes morriam, no papel dos seres visionários aos quais personificavam.** A intenção desses dramas sagrados, podemos ter certeza, não era divertir nem instruir uma audiência ociosa tal como também não era seu objetivo gratificar os atores, a cujas baixas paixões davam rédeas durante algum tempo. **Eram ritos solenes que imitavam os atos de seres divinos, porque o homem imaginava que tal mímica lhe permitiria arrogar-se as funções divinas e exercê-las em benefício de seus semelhantes.** Na sua maneira de pensar, as operações da natureza eram realizadas por personagens míticas muito semelhantes a ele mesmo, e, **se lhe fosse possível assimilar-se aos deuses completamente, também seria capaz de dispor de todos os seus poderes.**

Foi esse, provavelmente, o motivo original da maior parte dos dramas religiosos, ou mistérios, entre os povos primitivos. Os dramas são encenados, os mistérios são representados, não para ensinar aos espectadores as doutrinas do credo, e menos ainda para diverti-los, mas com a finalidade de produzir aqueles efeitos naturais que são representados em disfarce mítico. Numa palavra, são cerimônias mágicas, e seu modo de operação é a mímica ou a simpatia.

O mistério da piedade é que Jesus realizará a dramatização suprema, para que através de sua morte a todos pudesse atrair para si. A cruz é então a apresentação espiritual mais significativa da história da religião da antiguidade, porque:

**16**Sem dúvida, grande é esse mistério da fé: Deus foi manifestado em carne, foi justificado no Espírito, contemplado pelos anjos, pregado entre as nações, crido no mundo e recebido acima na glória. I TM 3.16

Irá agregar em si todos os elementos espirituais nos quais os gentios bebiam, viviam, celebravam, cultuavam, acreditavam.

Jesus é sacerdote e rei, rei transitório e rei eterno, é justo e justificador, é de ascendência divina, derrama sua vida divina, sofre a paixão da morte pelo indigno, pelo órfão, pelo escravo, a quem chama para participar de sua realeza, ressuscita com autoridade, torna-se sacrifício e oferenda eterna, oferece sua carne e sangue como alimento e bebida espirituais, ele é o rei que enferma, apesar de ser o príncipe herdeiro que é perfeito, ele é deposto pelos seus para ser coroado pela obediência, ele assume a postura de um bode expiatório, deixa-se enfermar, ainda que possua a natureza divina, ele cumpre o desígnio da morte da divindade, e realiza o impossível que é tornar os que dele participam, imortais.

**Provavelmente não erraremos ao supor que muitos mitos que hoje conhecemos apenas como mitos tiveram outrora sua contrapartida na mágica;** em outras palavras, que costumavam ser representados como um meio de produzir na realidade os fatos que descreviam em linguagem figurativa. As cerimônias, com frequência, desaparecem, ao passo que os mitos sobrevivem, e *cabe-nos deduzir a cerimônia morta a partir do mito vivo.* Se os mitos são, num certo sentido, reflexos ou sombras dos homens projetados nas nuvens, podemos dizer que esses reflexos continuam visíveis no céu e nos informam dos feitos dos homens que ali os projetaram muito tempo depois que os próprios homens não só estão fora do alcance de nossa visão, como também mergulhados para além do horizonte.

**Jesus é a sombra divina projetada sobre a terra dos homens. Ele é o reflexo divino que projeta luz sobre a escuridão da psique e sobre os mitos do ser humano.**

Frazer então encontrou um princípio, um elo que une as histórias míticas do Oriente.

**“A conclusões a que chegamos em relação à lenda de Semíramis e de seus amantes são provavelmente válidas para todas as histórias semelhantes que circulavam na Antiguidade por todo o Oriente.** Em particular, podemos supor que se aplicam aos mitos de Afrodite e Adônis, na Síria, e de Ísis e Osíris, no Egito. Se pudéssemos estabelecer as origens dessas histórias, talvez comprovássemos que, em cada caso, um casal humano representava, todos os anos, os papéis da deusa que ama e do deus que morre. **A liberdade concedida ao homem que desempenhava o papel do deus que morre na festa Sacaea fala vigorosamente em favor da hipótese segundo a qual, antes que a divindade encarnada encontrasse morte pública, podia ou devia gozar das carícias de uma mulher que desempenhava o papel da deusa do amor.** A razão dessa união forçada do deus e da deusa humanos não é difícil de adivinhar. **Se o homem primitivo acreditava que o crescimento das plantações podia ser estimulado pelas relações sexuais entre homens e mulheres comuns, que bênçãos enormes não esperaria ele do intercurso sexual de um par que sua imaginação investia de toda a dignidade e de todos os poderes das divindades da fertilidade?**

A festa judaica Purim possuía paralelo com a festa Sacaea, ou de Marduk, e outras festas semita na qual a característica principal era o sacrifício de um homem no papel de um deus, onde no mundo religioso da antiguidade encontramos vestígios do sacrifício humano sob formas mitigadas. Tal expectativa é plenamente confirmada pelos fatos, pois, desde há muito tempo, é costume, entre os judeus, na festa Purim, queimar, ou destruir de algum outro modo, efígies de Hamã. A prática era bem conhecida durante o Império Romano, pois, no ano 408 da nossa era, os imperadores Honório e Teodósio promulgaram um decreto determinando que os governadores das províncias impedissem **os judeus de queimarem efígies de Hamã crucificado durante uma de suas festas.** Esse decreto nos mostra que o costume era considerado como ofensivo pelos cristãos, que viam nele uma paródia blasfema do mistério central de sua própria religião, sem desconfiar que se tratava apenas de uma continuação, sob forma moderada, de um rito que era provavelmente celebração no Oriente muito antes do nascimento de Cristo. Ao que tudo indica, o costume sobreviveu, de muito, à promulgação do édito, pois, numa forma de abjuração que a igreja grega impunha aos judeus conversos, e que parece datar do século X, o renegado tinha de dizer: "Amaldiçoo também os que celebram o festival do chamado Mordecai no primeiro *sabbath* [sábado] do jejum cristão, e que deveras pregam Hamã na árvore, juntando-lhe o símbolo da cruz e queimando-o juntamente com ele, enquanto lançam toda a sorte de imprecações e maldições sobre os cristãos".

**Na festa Sacaea, portanto, o homem que personificava um deus ou herói do tipo de Tamuz ou Adônis desfrutava dos favores de uma mulher, provavelmente uma prostituta sagrada, que representava a grande deusa semita Ishtar ou Astarte, e, depois de assim desempenhar seu papel para assegurar, por meio da magia simpática, o renascimento da vida vegetal na primavera, era levado à morte. Podemos supor que a morte desse homem divino era lamentada pelos seus adoradores, e especialmente pelas mulheres, mais ou menos do mesmo modo pelo qual as mulheres de Jerusalém choravam por Tamuz às portas do templo e as moças sírias pranteavam Adônis morto enquanto o rio se tingia de vermelho com o**

**seu sangue.** Esses ritos parecem, na verdade, ter sido comuns em toda a Ásia ocidental; o nome do deus que morria variava nos diferentes lugares, mas, em sua essência, o ritual era o mesmo. Fundamentalmente, o costume era uma cerimônia religiosa, ou antes, mágica, com o objetivo de assegurar o renascimento e a reprodução da vida na primavera.

“Ora, se essa interpretação da festa Sacaea é correta, é evidente que um aspecto importante da cerimônia está ausente nas breves informações sobre a festa que chegaram até nós. A morte do homem-deus está registrada, nada se diz, porém, da sua ressurreição. Mas, se ele realmente personificava um ser do tipo de Adônis ou Átis, podemos ter certeza de que sua morte dramática era seguida, após um intervalo mais curto ou mais longo, de sua ressurreição dramática, tal como nas festas de Átis e de Adônis a ressurreição do deus morto sucedia rapidamente a sua pretensa morte. Surge aqui, porém, uma dificuldade. Na festa Sacaea o homem-deus morria realmente, e não apenas simbolicamente; e na vida normal, a ressurreição, mesmo de um homem-deus é, pelo menos, uma ocorrência excepcional. O que fazer? O homem, ou antes, o deus, estava indubitavelmente morto. Como fazê-lo voltar novamente à vida? É claro que a melhor, se não a única, maneira de fazê-lo era colocar um outro homem, vivo, como o deus renascido, e podemos imaginar que isso realmente se fazia. **Podemos supor que as insígnias da realeza que haviam adornado o morto fossem transferidas para seu sucessor que, delas revestido, seria apresentado aos seus adoradores jubilosos como o deus renascido.**”

Na medida que enxergamos os detalhes das celebrações aos deuses da natureza, da fertilidade e os ritos de legitimação dos reinos da antiguidade, nós vamos caminhando igualmente no aprofundamento da obra de Cristo.

Certo instante Jesus recebe as insígnias do rei morto, papel que ele mesmo representou alguns dias antes:

Mateus 28

...17 Assim que o viram, prostraram-se e o adoraram, mas alguns ficaram em dúvida.

18 Então, Jesus aproximando-se deles lhes assegurou: **“Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra.**

19 Portanto, ide e fazei com que todos os povos da terra se tornem discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ...

E ao seu lado provavelmente estaria uma mulher, no papel de sua divina consorte, a deusa Ishtar ou Astarte. Em favor dessa hipótese, podemos observar que ela oferece ao mesmo tempo uma explicação clara e inteligível de um aspecto notável do Livro de Ester que até agora não foi, pelo que sabemos, esclarecido adequadamente. Referimo-nos à aparente duplicação das principais personagens, para a qual já chamamos a atenção do leitor. Se estamos certos, Aman representa o rei temporário ou deus mortal, que era morto na festa Sacaea; e seu rival Mordecai representa o outro rei temporário que, na morte de seu antecessor, era investido das insígnias reais e exibido ao povo como o deus renascido.

As figuras da deusa ao lado do consorte divino também encontram eco na representação da Igreja glorificada, quando a Noiva do Cordeiro se torna participante de sua natureza e de sua glória. Essa representação de uma “rainha” para Cristo é também tema de Apocalipse que a mostra vestida de sol, tendo a lua por seus pés e coroada com estrelas.

## Apocalipse 12

1 E viu-se um grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça.

Da mesma forma, Vasti, a rainha deposta na narrativa, corresponde à mulher que desempenhava o papel de rainha e deusa do primeiro rei simulado, Aman, e sua bem-sucedida rival, Ester ou Ishtar, corresponde à mulher que figurava como a divina consorte do segundo rei simulado, Mordecai ou Marduk. Vimos que o rei simulado da festa Sacaea realmente tinha o direito de usar as concubinas reais. No ritual paralelo de Adônis, o casamento da deusa com seu malfadado amante era comemorado publicamente no dia anterior ao de sua pretensa morte.

Uma reminiscência clara da época em que a relação entre Ester e Mordecai era considerada como muito mais íntima do que um mero parentesco parece estar preservada em algumas das peças judaicas representadas na festa Purim, nas quais Mordecai aparece como amante de Ester, e essa indicação significativa é confirmada pelo *ensinamento rabínico segundo o qual o Rei Assuero nunca conheceu Ester realmente, mas sim um fantasma a ela semelhante que com ele se deitava, enquanto a verdadeira Ester estava nos braços de Mordecai*.

A festa de Ester será deturpada em seu sentido original nos escritos talmúdicos, ou rabínicos e pela tradição pagã que a contamina.

Haverá, infelizmente, um processo de aculturação de práticas pagãs pelo judaísmo, a influencia grega dará origem ao movimento filosófico dos saduceus que liam as Escrituras como se fosse um tratado moral desprezando o sobrenatural, dará origem a geração das fábulas judaicas com a incorporação do assombroso dos povos e histórias de monstros diversos, tais como da vampira Lilith, festas sagradas serão paganizadas nos carnavais medievais que vulgarizariam as festas de Purim e as festas de Benjamim onde o religioso daria lugar ao lúdico e essa influencia do mundo mágico originaria ainda *o retorno ao mágico*, quando, pasmem, magos israelitas criariam uma tradição esotérica da bíblia, o KABALA, que é o uso das Escrituras hebraicas de modo místico e mágico. O processo similar contaminará a ortodoxia católica, as crenças, as práticas inundando a igreja romana de práticas mágicas, festas aos deuses romanos incorporadas e diversas tradições mágicas dos celtas, e dos povos da antiga Europa incorporando tradições mágicas heréticas à tradição eclesiástica.

A relação de Mordecai com Ester é pura, é de afeição, respeito e carinho entre um tio que em meio a tremendas dificuldades criou sua sobrinha, em nenhum momento é insinuado qualquer outro tipo de envolvimento na história. A integração do pensamento mágico da antiguidade pode ser analisada pelas comemorações populares européias da primavera. Se a interpretação desses costumes por J Frazer estiver certa, o contraste entre o verão e o inverno ou entre a vida e a morte, que figura em efígies ou nas pessoas dos representantes vivos nas cerimônias da primavera dos camponeses europeus, é fundamentalmente um contraste entre a vegetação decadente ou morta do ano velho e a vegetação que desponta



no novo ano - um contraste que nada perderia de seu vigor se, como ocorria na Roma antiga, na Babilônia e na Pérsia, o início da primavera fosse também o início do novo ano. Nessas cerimônias, e em todas as examinadas no Ramo de Ouro de J Frazer, o antagonismo não se processa entre poderes de uma ordem diferente, mas entre os mesmos poderes, vistos sob diferentes aspectos, como o velho e o novo. Trata-se, em suma, do eterno contraste entre a juventude e a velhice. E assim como o poder ou o espírito da vegetação é representado, no ritual religioso e no costume popular, por um par humano, seja ele chamado de Ishtar e Tamuz, de Vênus e Adônis, ou de a rainha e o rei de maio (das celebrações da natureza europeias), assim também podemos esperar encontrar o velho e decrépito espírito do ano anterior personificado por um par e o novo e fresco espírito do novo ano por outro par. Os dois parecem representar as forças da fertilidade das plantas e talvez também dos animais. Ambas as forças, na hipótese de Frazer, eram personificadas não apenas no mito, mas também no costume, pois, ano após ano, um casal humano tinha a tarefa de intensificar a vida da natureza graças a uma união na qual, como num microcosmo, as vidas das árvores e das plantas, das ervas e das flores, dos pássaros e dos animais estariam resumidas de alguma maneira mística. Originalmente, podemos conjecturar, esses casais exerciam suas funções por todo um ano, e, quando este terminava, o homem — o rei divino — era morto; mas, nos tempos históricos, parece que, em geral, o deus humano — Saturno, Zoganes, Tamuz, ou qualquer que fosse seu nome — desfrutava de seus divinos privilégios e desempenhava os seus deveres divinos apenas durante uma certa parte do ano. **Essa redução de seu reinado na terra foi provavelmente introduzida na época em que as antigas divindades hereditárias, ou reis divinizados, conseguiram transferir a parte mais penosa de seus deveres a um substituto, fosse ele um de seus filhos, um escravo ou um malfeitor.** Tendo de morrer como um rei, era necessário que o substituto também vivesse como um rei por algum tempo. Mas o monarca verdadeiro naturalmente trataria de restringir aos limites mais estreitos possíveis tanto o tempo como o poder de um reinado que, enquanto durasse, necessariamente constituía uma invasão, e mesmo uma anulação, de seu próprio reinado. O que acontecia à companheira do rei, a deusa humana que partilhava de seu leito e transmitia suas energias benéficas ao resto da natureza, não podemos dizer. Pelo que sabemos, são poucas, ou nenhuma, as evidências de que ela, como ele, era também morta quando sua função primordial estava concluída. A natureza da maternidade sugere uma razão óbvia para que lhe fosse poupada a vida por mais um pouco, até que aquela lei misteriosa que liga a vida da mulher aos aspectos cambiantes do céu noturno tivesse sido cumprida pelo nascimento de um deus menino, que, por sua vez, crescesse, talvez, à sombra de seus ternos cuidados, para viver e morrer pelo mundo.

O livro de Ester então caminha dentro de uma pedagogia espiritual, tratando coisas espirituais com a doçura corriqueira do Espírito de Deus, para que mentes e corações dos povos medos, persas, babilônicos e assírios pudessem ter uma base de comparação, a partir de sua vivência com as celebrações da fertilidade e da natureza. Cristo que é o cumprimento do livro de Ester então reunirá todas as figuras mágicas envolvidas, unindo a natureza divina à natureza humana, do mesmo modo como o casamento sagrado unia a natureza humana à natureza vegetal. O livro de Cantares, através de Sunamita, dançará, literalmente sobre um cenário primaveril, sobre a beleza dos campos para através de uma história de amor contar a história do amor divino pela humanidade, de Deus pelo seu povo e de Cristo por sua Igreja.

Uma equipe rabínica após anos de estudo disse: “As profecias da Bíblia só podem ser cumpridas por uma única pessoa da raça humana”. Baseado em 456 passagens, 558 referências das mais antigas Escrituras rabínica.

Na Bíblia há 109 profecias diferentes em que o messias deve se encaixar. A probabilidade de que 20 destas profecias serem preenchidas por um só homem é de uma para cem milhões de pessoas.

Só uma pessoa na história humana que preenche todas estas profecias; o Seu nome é Jesus de Nazaré! Então vejamos algumas das profecias que garantem suas credenciais como o messias e que se cumpriram na vida de Jesus.

Os reis da antiguidade eram considerados santos por realizarem uma vida que cumpria dezenas ou centenas de requisitos que ordenariam todos os passos de sua existência. Essas normas de conduta já estavam escritas antes que nascessem e tinham origem em prescrições sacerdotais, mágicas ou frutos de oráculos diversos e do cumprimento destas normas dependeria o universo. Um faraó tinha que realizar milhares de ritos, incluindo invocar as cheias do Rio Nilo.

Jesus será chamado santo e cumprirá todos os preceitos da Lei divina sem errar em nenhum de seus pontos sendo sua vinda ao mundo para realizar o cumprimento cabal e completo dos desígnios divinos. Ele é comissionado pelo verso “eis-me aqui vim ao mundo para cumprir a Tua Vontade”. Ele possui a dignidade e a força espiritual para realizar e dele, de verdade, de seus gestos, de seus atos, depende toda a Criação! O que os reis faziam “dramatizando” realidades cósmicas, imitando com gestos mágicos uma influencia inexistente na natureza que o cercava, de modo simbólico, lúdico, teatral, Jesus o fez de verdade. Os reis deveriam cumprir um rígido cronograma, muitas vezes sorteado que simbolizava andar ou viver segundo a vontade dos deuses, seguindo épocas determinadas para seus atos rituais. Jesus então viverá cada momento de sua vida CUMPRINDO uma profecia, realizando atos que foram SOBRENATURALMENTE elegidos antes que nascesse para que eles o realizasse. A vindicação de seu REINO sobre o mundo vem de cumprir-se nele sinais e eventos que não deixam duvida de sua ESCOLHA DIVINA para ocupação de tal cargo e de tão grande comissão. O ser humano escolhido por deus para ser guia da raça humana, para ser o mentor, o líder e governador supremo não poderia ter manchas no seu caráter, erro em sua conduta diante do “mandato dos céus” sendo o que dele se esperava e cuidando para que suas palavras jamais ofendessem aquele que o convocou ao cargo. Os reis do mundo passavam por diversos rituais de purificação, Jesus seria “purificado” pela estrita obediência em espírito a normas divinas estabelecidas antes da criação do universo. Toda palavra dita por Cristo é um mistério de obediência divina:

10 Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras.

Ele não dizia coisas vãs, ele abria sua boca para falar de acordo com a vontade de Deus. Essa identidade entre o que diz e o que o Espírito santo diz é tamanha que mesmo debaixo de humilhação ele PROFETIZA. Na cruz, cada palavra dita, debaixo de tremenda dor e agonia foram PROFETIZAS 1000 anos antes que nascesse. Ele não julga, não blasfema nem debaixo de tremenda provação. Essa identidade entre o que ele é e o que veio realizar lhe concede uma dignidade incomensurável. Quando Jesus ensinava as coisas celestiais ele usava parábolas, cumprindo uma antiga profecia:

“Todas essas coisas falou Jesus à multidão por meio de parábolas e nada lhes dizia sem usar palavras enigmáticas. 35E assim cumpriu-se o que fora dito por meio do profeta: “Abrirei em parábolas a minha boca; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo”

Quando mais de 300 profecias da antiguidade se cumprem em seu ministério, 109 diretamente relacionadas a fatos independentes de seus atos, ele está vivendo um tipo de SANTIDADE jamais experimentadas pelos atos rituais dos reis da antiguidade. Ninguém teve sobre si tamanha necessidade de realização de preceitos espirituais. Jesus sobrepuja a todos os seres humanos e todas as obrigações sacerdotais, mágicas ou ritualistas do mundo antigo, sendo perfeito em todos os passos de sua caminhada do nascimento até a morte. Essa visão da perfeição ritual profética, do cumprimento do mágico em sua vida é de tremenda significância para qualquer sacerdote, rei-sacerdote, ou homem santo da antiguidade. Podemos compreender então o texto de Apocalipse “justos e verdadeiros são os teus caminhos, ‘Ó REI DOS SANTOS! Porque nenhum rei da terra foi tão maravilhoso no cumprimento de ordenanças celestiais como CRISTO foi!

E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor Deus Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, **ó Rei dos santos (Basileus hagios)**. Apocalipse 15:3

Poucos textos dos manuscritos do Novo Testamento possuem a diversidade de termos que esse verso possui. No mistério de preservação dos manuscritos das palavras dos apóstolos esse texto chegou até nós com três expressões diferentes na língua grega:

Basileus hagios, Basileus Ages E Basileus Ethnón

Rei dos Santos, Rei das eras, e Rei das nações. Todas as expressões em Cristo se cumprem com perfeição. Ele é o rei dos santos porque sua separação espiritual, psicológica e física ao cumprimento de seu “destino” é perfeito. Ele é o rei das eras porque o seu reino é realizado por uma pessoa imortal, num reino que jamais terá fim. Ele é o rei das nações porque cumpre os requerimentos necessários para ser o governante supremo de todas as nações, cumprindo a essência de seus ritos e exigências espirituais até aas raías do absurdo.

E então deixamos parcialmente a carta magna profética que designa, que estabelece JESUS como regente da humanidade, nele cumprida integralmente:

#### 1. SERIA “SEMENTE DE UMA MULHER”

Profecia: Gn 3.15 “E porei inimizades entre Ti e a mulher, e entre a tua descendência e o seu descendente, este te ferirá a cabeça, e Tu lhe ferirás o calcanhar”.

Cumprimento: Gl 4.4 “Mas, vindo à plenitude dos tempos, Deus enviou o Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei”. Mt 1.20 “Enquanto ponderava nestas coisas, eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito”. Ap 12.5 “Nasceu-lhe, pois, um Filho varão, que há de reger todas as nações com cetro de ferro. E o seu Filho foi arrebatado para Deus até ao Seu trono”.

## 2. SERIA DESCENDENTE DE ABRAÃO

Profecia: Gn 18.18 “Visto que Abraão certamente verá a ser uma grande e poderosa nação, e nele serão benditas todas as nações da terra”?

Cumprimento: Mt 1.1 “Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão”. At 3.25 “Vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus estabeleceu com vossos pais, dizendo a Abraão: Na tua descendência serão abençoadas todas as nações da terra”.

## 3. SERIA DESCENDENTE DE ISAQUE.

Profecia: Gn 17.19 “Deus respondeu-lhe: Na verdade, Sara, tua mulher, te dará um filho, e lhes porás o nome de Isaque; com ele estabecerei minha aliança, aliança perpétua para sua descendência depois dele”.

Cumprimento: Mt 1.2 “Abraão gerou Isaque, Isaque gerou a Jacó, Jacó gerou a Judá e a seus irmãos”. (Lc 3.34).

## 4. SEIA DESCENDENTE DE JACÓ

Profecia: Nm 24.17 “Vê-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas de perto. Uma estrela procederá de Jacó, e de Israel subirá um cetro que quebrará as tēmporas de Moabe, e destruirá todos os filhos de Sete”. (Gn 28.14).

Cumprimento: Lc 3.34 “E Judá, de Jacó, e Jacó de Isaque, e Isaque de Abraão, e Abraão, de Terá, e Terá de Naor”.

## 5. LINHAGEM FAMILIAR DE JESSÉ

Profecia: Is 11.1 “Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes, um renovo”.

CUMPRIMENTO: LC 3.23-32 “Ora, tinha Jesus cerca de trinta anos ao começar o seu ministério. Era como se cuidava, filho de José, filho de Elí... 32 Davi, filho de Jessé, filho de Obede”.

## 6. SERIA DESCENDENTE DE JUDÁ

Profecia: Gn 49.10 “O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão da autoridade de entre seus pés, até que venha Silo, e a ele obedecerão os povos”.

Cumprimento: Lc 3.33 “Filho de Aminadabe, filho de Admin, filho de Arni, filho de Esrom, filho de Farés, filho de Judá”. (Mt 1.2,3).

## 7. SERIA HERDEIRO DE DAVI

Profecia: Is 9.7 “Do aumento do seu governo e paz não haverá fim. Reinará sobre o Trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o fortificar em retidão e justiça, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isto”. Jr 13.5 “Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um renovo justo: e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juiz e a justiça na terra”. (Is 11.1-5; 2º Sm 7.13).

Cumprimento: Mt 1.1 “Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão.

Lc 1.31 Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus. 32 E este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o Trono de Davi, seu pai”.

## 8. FILHO DE DEUS

Profecia: Sl 2.7 “Proclamarei o decreto do Senhor: Ele me disse: Tu é meu Filho, Eu hoje Te gerei”.

Cumprimento: Mt 3.17 “E eis uma vós do céu, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”. (Jo 3.16).

## 9. NASCERIA NA CIDADE DE BELÉM

Profecia: Mq 5.2 “Mas tu, Belém Efrata, posto que pequeno entre milhares de Judá, de ti me sairá aquele que há de reinar em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”.

Cumprimento: Mt 2.1 “Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, vieram uns magos do Oriente a Jerusalém”. (Lc 2.4,7).

## 10. A ÉPOCA DE SEU NASCIMENTO

Profecia: Dn 9.25 “Sabe e entende desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até o Ungido, o Príncipe, sete semanas, e sessenta e duas semanas. As praças e as tranqueiras se reedificarão, mas em tempos angustiosos”.

Cumprimento: Lc 2.2-3 “Naqueles dias saiu um decreto da parte de César Augusto, ordenando que o recenseamento de todo mundo habitado. Este primeiro recenseamento foi feito sendo Quirino sendo o governador”.

## 11. NASCERIA DE UMA VIRGEM

Profecia: Is 7.14 “Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: A virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel”.

Cumprimento: Mt 1.18, 25 “Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes que coabitassem, achou-se grávida pelo Espírito Santo”. 25 “Contudo, não a conheceu, enquanto ela não deu à luz um filho, a quem o pôs o nome de Jesus”. Lc 1.26 “No sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado, da parte de Deus para uma cidade da Galiléia chamada Nazaré. 27 A uma virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José; a virgem chamava-se Maria. 28 E, entrando o anjo onde ela estava, disse: Alegra-te, muito favorecida! O Senhor é contigo. 30 Mas o anjo lhe disse: Maria, não temas; porque achaste graça diante de Deus. 31 Eis que conceberás e dará à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus. 32 Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus”.

## 12. RECEBERIA PRESENTES

Profecia: Sl 72.10 “Paguem-lhe tributos os reis de Társis e das ilhas; os reis de sabá e de sebá”.

Cumprimento: Mt 2.11 “Entrando em casa, viram o menino com Maria sua Mãe. Prostando-se o adoraram; e abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra”.

## 13. A MATANÇA DOS MENINOS

Profecia: Jr 31.15 “Assim diz o Senhor: Ouviu-se um clamor em Rama, lamentação e choro amargo: Raquel chora a seus filhos, e não se deixa consolar por eles, por que já não existem”.

Cumprimento: Mt 2.16 “Então Herodes, vendo-se iludido pelos magos, irritou-se muito e mandou matar todos os meninos de Belém, e de todos os seus arredores, de dois anos para baixo, segundo o tempo que diligentemente inquirira dos magos”. (Mt 2.17-18).

## 14. A FUGA PARA O EGITO

Profecia: Os 11.1 “Quando Israel era menino, eu o amei, e do Egito chamei a meu filho”.

Cumprimento: Mt 2.14 “Levantando-se ele, tomou de noite o menino e sua mãe, e foi para o Egito”. (Mt 2.15).

## 15. SEU MINISTÉRIO NA GALILÉIA

Profecia: Is 9.1-2 “Mas para os que estavam aflitos não haverá mais obscuridade. No passado ele envileceu a terra de Zebulom, e a terra de Naftali, mas nos últimos enobreceu junto ao caminho do mar, além do Jordão, a Galiléia das nações. O povo que andava em trevas viu uma grande luz, sobre os que habitavam na região da sombra da morte resplandeceu a luz”.

Cumprimento: Mt 4.12,16 “Quando Jesus ouviu que João estava preso, voltou para a Galiléia. Deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum, cidade situada à beira do mar, na região de Zebulom e Naftali, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías: Terra de Zebulom, terra de Naftali, caminho do mar, além do Jordão, Galiléia dos gentios – o povo que estava em trevas viu grande luz, e aos que estavam na região da sombra da morte, raio-lhes a luz”.

## 16. COMO PROFETA

Profecia: Dt 18.15 “O senhor teu Deus te suscitará um profeta como eu, do meio de ti, de teus irmãos. A Ele ouvirás. 18 Suscitar-lhe-eis um profeta do meio dos seus irmãos, semelhante a ti, em cuja boca porei as minhas palavras, e lhes falará tudo o que Eu lhe ordenar”.

Cumprimento: Jo 6.14 “Vendo os homens o milagre que Jesus fizera, disseram: Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo”. Mt 21.10-11 “E, entrando Ele em Jerusalém, toda cidade se alvoroçou, e perguntavam: Quem é este? 11 E as multidões clamava: Este é o Profeta Jesus, de Nazaré da Galiléia”. (Jo 1.45, At 3.19-26).

## 17. SERIA SACERDOTE COMO MELQUISEDEQUE

Profecia: Sl 110.4 “Jurou o Senhor e não se arrepende: Tu és sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque”.

Cumprimento: Hb 6.20 “Aonde Jesus, como precursor, entrou por nós, feito Sumo Sacerdote, para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”. Hb 7.15-17 E mais manifesto é ainda a semelhança de Melquisedeque se levantar outro sacerdote. 16 Que não foi feito segundo a lei do mandamento carnal, mas segundo a virtude da vida incorruptível. 17 “Porque dEle testifica: Tu és sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque”. (Hb 5.5-7; 3.1).

## 18. SERIA DESPREZADO

Profecia: Is 53.3 “Era desprezado, e o mais indigno o entre os homens, o homem de dores, experimentado no sofrimento. Como um de quem os homens escondiam o rosto, era desprezado, e não fizemos dele caso algum”. Sl 2.2-3 “Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra, o sacudamos de nós as suas algemas”.

Cumprimento: Jo 1.1 “Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam”. (Jo 5.43;

Lc 4.29; 23.18). Lc 23.18 “Mas toda multidão clamou a uma, dizendo: Fora daqui com este, e solta-nos Barrabás”.

## 19. CHEIO DO ESPÍRITO E DO CONHECIMENTO

Profecia: Is 11.2 “Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito da sabedoria e da inteligência, o Espírito de aconselhamento e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e temor de Deus. 4 Deleitar-se-á no temor do Senhor; Não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem repreender, a segundo o ouvir dos seus ouvidos”.

Cumprimento: Lc 2.25 “E crescia Jesus em sabedoria, em estatura e em graça para com Deus e os homens”. (Lc 4.18).

## 20. COMO OPERADOR DE MILAGRES

Profecia: Is 35.5-6 “Então os olhos dos cegos se abrirão, e os ouvidos dos surdos se desimpedirão. Então os coxos saltaram como o cervo, e língua dos mudos cantará”.

Cumprimento: Mt 11.4-5 Jesus disse: “Ide, e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem”.

## 21. COMO PEDRA

Profecia: Is 28.16 “Eis que assentarei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada”.

Cumprimento: At 4.10-11 “Seja conhecido de vós todos, e de todo povo de Israel, que em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, aquele a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dos mortos, em nome desse é que está são diante de vós. 11 Ele é a pedra que foi rejeita por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina”. 1ª Pe 2.6 “Pelo que também na Escritura se contém: Eis que ponho em Sião a Pedra Principal de esquina, eleita preciosa; e quem nela crer não será confundida”.

## 22. SUA PREEXISTÊNCIA

Profecia: Mq 5.22 “Mas tu, Belém Efrata, posto que pequeno entre milhares de Judá, de ti me sairá aquele que há de reinar em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”.



Cumprimento: Jo 1.1-2 “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez”. Cl 1.17 “Ele é antes de todas as coisas. Nele tudo subsiste”. (Is 9.6).

### 23. ELE SERÁ CHAMADO DE SENHOR

Profecia: Sl 110.1 “Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te á minha direita até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés”.

Cumprimento: Lc 2.11 “...hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor”.

### 24. SERÁ CHAMADO EMANUEL

Profecia: Is 7.14 “Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: A virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel”.

Cumprimento: Mt 1.23 “Eis que a virgem conceberá e dará á luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer Deus conosco)”.

### 25. UNÇÃO ESPECIAL DO ESPÍRITO SANTO

Profecia: Is 11.2 “Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor”.

Cumprimento: Mt 3.16-17 “Batizado Jesus, saiu da água, e eis que se lhe abriram os céus e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele. E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”.

### 26. TEM DOMÍNIO SOBRE TUDO

Profecia: Sl 8.6 “Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste”.

Cumprimento: H 2.8 “Todas as coisas sujeitaste debaixo dos seus pés. Ora, desde que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou fora do seu domínio. Agora, porém, ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas”.

### 27. ZELO PELAS COISAS DE DEUS

Profecia: Sl 69.9 “Pois o zelo da tua casa me consumiu...”.

Cumprimento: Jo 2.15-17 “E disse aos que vendiam as pombas: Tirai daqui estas coisas; não façais da casa de meu Pai casa de negócio. Lembraram seus discípulos de que está escrito: O zelo da tua casa me consumia”.

## 28. ELE DEVERIA SER PRECEDIDO POR UM MENSAGEIRO

Profecia: Is 40.3 “Vós que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus”.

Cumprimento: Mt 3.1,3 “Naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judéia. 3. Porque este é o referido por intermédio do profeta Isaías: Voz que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas”.

Cumprimento: Mt 3.1-4 “Naquele dia apareceu João Batista, pregando no deserto da Judéia, e dizia: 3 Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus. Porque ele é o anunciado pelo profeta Isaías, que disse: Voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas”.

## 29. MESTRE DE PARÁBOLAS

Profecia: Sl 78.2 “Abrirei os lábios em parábolas e publicarei enigmas dos tempos antigos”.

Cumprimento: Mt 13.3 “E de muitas coisas lhe falou por parábolas e dias: Eis que o semeador saiu a semear...”.

## 30. DEVIA ENTRAR NO TEMPLO

Profecia: Ml 3.1 “Eis que eu envio o meu mensageiro, que prepara o caminho diante de mim; de repente, virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o Anjo da Aliança, a quem vós desejais; eis que ele vem, diz o Senhor dos Exércitos”.

Cumprimento: Mt 21.12 “Tendo Jesus entrado no templo, expulsou todos os que ali vendiam e compravam; também derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas”.

## 31. “PEDRA DE TROPEÇO” PARA OS JUDEUS

Profecia: Sl 118.22 “A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra angular”.

Cumprimento: Mt 21.42 “Perguntou-lhes Jesus: Nunca leste nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos?” Ef 2.20 “Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular”.

### 32. “LUZ” PARA OS GENTIOS

Profecia: Is 60.3 “As nações se ancaminham para a tua luz, e os reis, para o resplendor que te nasceu”.

Cumprimento: Mt 4.16 “O povo que jazia em trevas viu grande luz, e os que viviam na região e sombra da morte resplandeceu-lhes a luz”. (At 13.47- 48; “Porque o Senhor assim no-lo determinou: Eu te constituí para luz dos gentios, a fim de que sejas para a salvação até aos confins da terra”.

### 33. COMO REI

Profecia: Sl 2.6 “Eu, porém constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião”.

Cumprimento: Mt 27.37 “Por cima da Sua cabeça puseram escrita a sua acusação: ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS”.

### 34. ELE SERIA JUÍZ

Profecia: Is 33.22 “Porque o senhor é o nosso Juiz: o Senhor é o nosso legislador”.

Cumprimento: Jo 5.30 Jesus diz: “Eu nada posso fazer de Mim mesmo; na forma porque ouço, julgo. O meu juízo é justo porque não procuro a minha própria vontade, e, sim, a daquele que me enviou”.

### 35. ENTRARIA EM JERUSALÉM MONTADO EM UM JUMENTO

Profecia: Zc 9.9 “Alegra-te muito, ó filha de Sião! Exulta, ó filha de Jerusalém! Vê! O teu Rei virá a ti, justo e Salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumento”.

Cumprimento: Jo 12.13 “tomaram ramos de palmeiras, e saíram a seu encontro, gritando: Hosana! Bendito é aquele que vem em nome do Senhor! Bendito é Rei de Israel! 14 Jesus encontrou um jumentinho, e montou nele como está escrito”. Mt 21.7 “Trouxeram a jumenta e o jumentinho. Então, puseram em cima deles as suas vestes, e sobre elas Jesus montou”.

### 36. TERIA COMPAIXÃO DOS NECESSITADOS

Profecia: Sl 31.9 “Compadece-te de mim, Senhor, porque me sinto atribulado; de tristeza os meus olhos se consomem”.

“Porque ele acode ao necessitado que clama e também ao aflito e ao desvalido”.

Cumprimento: Mt 9.36 “Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor”.

### 37. SEU NOME SUBSISTE ETERNAMENTE

Profecia: Sl 72 17 “Subsista para sempre o seu nome e prospere enquanto resplandecer o sol; nele sejam abençoados todos os homens, e as nações lhe chamem bem-aventurado”.

Cumprimento: Cl 2.9 “Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu o nome que está acima de todo o nome. Para que ao nome de Jesus se dobre todo o Joelho, nos céus, na terra, e debaixo da terra. E toda a língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai”.

### 38. LOUVADO PELAS CRIANÇAS

Profecia: Sl 8.2 “Da boca de pequeninos e crianças de peito suscitaste força, por causa dos teus adversários, para fazeres emudecer o inimigo e o vingador”.

Cumprimento: Mt 21.15-16 “Mas, vendo os principais sacerdotes e os escribas as maravilhas que Jesus fazia e os meninos clamando: Hosana ao Filho de Davi!, indignaram-se e perguntaram-lhe: Ouves o que estes estão dizendo? Respondeu-lhes Jesus: Sim; nunca lestes: Da boca de pequeninos e crianças de peito tiraste perfeito louvor?”

### 39. TEM PRAZER EM FAZERA VONTADE DO PAI

Profecia: Sl 40.7-8 “Então, eu disse: eis aqui estou, no rolo do livro está escrito a meu respeito; agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei”.

Cumprimento: Hb10.7 “Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade”.

### 40. ZELOSOS PELA CASA DE DEUS

Profecia: Sl 69.9 “Pois o zelo da tua casa me consumiu, e as injúrias dos que te ultrajam caem sobre mim”.

Cumprimento: Jo 2.19 “Jesus lhes respondeu: Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei”.

## PROFECIAS QUE SE CUMPRIRAM EM UM SÓ DIA

As profecias do Antigo Testamento apresentadas a seguir, que tratam da traição, julgamento, morte e sepultamento de Jesus, foram pronunciadas em diferentes oportunidades por muitas pessoas diferentes, durante os cinco séculos entre 1000 e 500 AC., e, assim mesmo, todas elas se cumpriram literalmente em Jesus num único período de 24 horas.

### 41. O TRAIADOR É SUBSTITUÍDO

Profecia: Sl 109.4 “Os seus dias sejam poucos, e tome outro o seu encargo”.

Cumprimento: At 1.20 “Porque está escrito no Livro dos Salmos: Fique deserta a sua morada; e não haja quem nela habite; e: Tome outro o seu encargo”.

### 42. SERIA TRAÍDO POR UM AMIGO

Profecia: Sl 41.9 “Até o meu próprio amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar”.

Cumprimento: Mc 14.10 “Então Judas Iscariotes, um dos doze, foi Ter com os principais sacerdotes, para lhes entregar Jesus”. (Mt 10.41; Mt 26.14-16; Mc 14.43-45).

### 43. SERIA VENDIDO POR TRINTA PEÇAS DE PRATA

Profecia: Zc 11.12 “Eu lhes disse: Se vos parece bem, aos vossos olhos, dai-me o meu salário; e, se não, deixa-o. Pesaram, pois, por meu salário trinta moedas de prata”.

Cumprimento: Mt 26.14 “Então um dos doze, chamada Judas Iscariotes, indo ter com os principais sacerdotes, propôs: 15 Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei? E pagaram-lhe trinta moedas de prata”. (Mt 27.3).

### 44. O DINHEIRO SERIA ATIRADO NA CASA DE DEUS E SERIA USADO COMPRAR O CAMPO DE UM OLEIRO

Profecia: Zc 11.13 “Então, o Senhor me disse: Arroja isso ao oleiro, esse magnífico em que fui avaliado por eles. Tomei as trinta moedas de prata e as arrojé ao oleiro, na casa do Senhor”.

Cumprimento: Mt 27.5 “Então, Judas, atirando para o santuário as moedas de prata, retirou-se e foi enforcar-se. 6 E os principais sacerdotes, tomando as moedas, disseram: Não é lícito deita-las no cofre das ofertas, porque é preço de sangue. 7 E, tendo deliberado, compraram com elas o campo do oleiro, para cemitério de forasteiros”.

#### 45. O TRAIADOR É SUBSTITUÍDO

Profecia: Sl 109.4 “Os seus dias sejam poucos, e tome outro o seu encargo”.

Cumprimento: At 1.20 “Porque está escrito no Livro dos Salmos: Fique deserta a sua morada; e não haja quem nela habite; e: Tome outro o seu encargo”.

#### 46. ABANDONADO POR SEUS DISCÍPULOS

Profecia: Zc 13.7 “Desperta, ó espada, contra o meu pastor e contra o homem que é o meu companheiro, diz o Senhor dos exércitos; fere o pastor, e as ovelhas ficarão dispersa, mas volverei a mão para os pequeninos”.

Cumprimento: Mc 14.49-50 “Todos os dias eu estava convosco no templo, ensinando, e não me prendestes; contudo, é para que se cumpra as Escrituras. Então, deixando-o todos fugiram”.

#### 47. TESTEMUNHAS FALSA ANUNCIARIAM

Profecia: Sl 27.12 “Não me entregues à vontade dos meus adversários, pois contra mim se levantaram falsas testemunhas, respirando violência”. (Sl 35.11).

Cumprimento: Mt 26.59-61 “Ora, os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum testemunho falso contra Jesus, a fim de o condenarem à morte. E não acharam, apesar de se terem apresentado muitas testemunhas falsas. Mas, por fim, chegaram duas, afirmando: Este disse: Eu posso derrubar o templo de Deus e reedificá-lo em três dias”.

#### 48. PERMANECERIA EM SILÊNCIO QUANDO ACUSARIAM

Profecia: Is 53.7 “Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a sua boca; como cordeiro foi levado ao matadouro, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, Ele não abriu a sua boca”. (Sl 38.14).

Cumprimento: Mt 26.62-63 “E, levantando-se o sumo sacerdote, perguntou a Jesus: Nada respondes aos que estes depõem contra Ti? Jesus, porém, guardou silêncio. E o sumo sacerdote lhe disse: Eu te conjuro pelo Deus Vivo que nos diga se Tu és o Cristo, o Filho de Deus”. (Mt 27.12).

#### 49. SOFRERIA EM NOSSO LUGAR

Profecia: Is 53.4-5 “Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; contudo, nós o consideramos como aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados”. (Is 53.6,12).

Cumprimento: Mt 8.16,17 “Chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados, e ele com sua palavra expulsou deles os espíritos e curou a todos os enfermos. Isso aconteceu para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías. Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças”. (Rm 4.25; 1ª Co 15.3).

#### 50. FERIRAM-NO E CUSPIRAM-NO

Profecia: Is 50.6 “Ofereci as costas aos que me feriam e as faces, aos que me arrancavam os cabelos: não escondi o rosto aos que me afrontavam e me cuspiam”.

Cumprimento: Mc 14.65 “Puseram-se alguns a cuspir n’Ele, a cobrir o rosto, a dar-lhe murros e a dizer-lhe: profetiza! E os guardas o tomaram a bofetadas”. (Mt 26.67).

#### 51. SERIA AÇOITADO

Profecia: Is 53.5 “Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados”.

Cumprimento: Mt 27.6 “Então, Pilatos lhe soltou Barrabás; e após haver açoitado a Jesus, entregou-o para ser crucificado”.

#### 52. SERIA ESCARNECIDO E INSULTADO

Profecia: Sl 22.6-8 “Mas eu sou verme, e não homem, e desprezado do povo. Todos os que me vêem zombam de Mim, estendem os lábios e meneiam a cabeça, dizendo: Confiou no Senhor, que o livre. Livre-o pois nele tem prazer”.

Cumprimento: Mt 27.31, 39, 40 “Depois de o terem escarnecido, despiram-lhe o manto e o vestiram com as suas próprias vestes. Em seguida, o levaram para ser crucificado. 39 Os

que passavam, blasfemavam dele, meneando a cabeça, e dizendo: 40 Tu, que destrói o templo, e em três dias o reedificas, salva-te a ti mesmo! Se és filho de Deus, desce da cruz”. (Mt 27.41-44; Mc 15.29-32).

### 53. DEBILITADO FISICAMENTE NO DIA DA CRUCIFICAÇÃO

Profecia: Sl 109.24-25 “De tanto jejuar, os joelhos me vacilam, e de magreza vai mirrando a minha carne”.

Cumprimento: Mt 27.32 “Ao saírem, encontraram um Cirineu, chamado Simão, a quem obrigaram a carregar-lhe a cruz”. (Mc 15.21; Lc 23.26).

### 54. SUAS MÃOS E PÉS SERIAM TRESPASSADOS.

Profecia: Sl 22.16 “Cães me rodearam; o ajuntamento de malfeitores me cercou, trespassaram-me as mãos e os pés”. (Zc 12.10).

Cumprimento: Jo 20.27 “Então Jesus disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo; vê as minhas mãos. Chega a tua mão, e põe-me no lado. Não sejas incrédulo, mas crente”. (Jo 19.37; 20.25-26; Lc 23.33).

### 55. SERIA CRUCIFICADO COM PECADORES

Profecia: Is 53.12 “Pelo que lhe darei uma porção entre os poderosos, e com os fortes repartirá ele o despojo, porque derramou a sua alma na morte, e foi contado com os transgressores. Pois ele levou sobre si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu”.

Cumprimento: Mt 27.38 “E foram crucificados com ele dois assaltantes, um à direita e outro à esquerda” (Mc 15.27,28; Lc 23.33).

### 56. ORARIA POR SEUS INIMIGOS

Profecia: Sl 109.4 “Em paga de minha amizade me acusam, mas eu sou homem de oração”.

(Is 53.12).

Cumprimento: Lc 23.24 “Jesus, porém dizia: Pai perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem”.

### 57. REJEITADO PELO SEU PRÓPRIO POVO



Profecia: Is 53.3 “Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que pe padecer; e como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizeram caso algum”.

Cumprimento: Jo 1.11, 48 “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam”. Jo 7.5 “Pois nem mesmo seus irmãos criam nele. 48 Porventura, creu nele alguém dentre as autoridades ou algum dos fariseus?”

## 58. SERIA ODIADO SEM MOTIVO

Profecia: Sl 69.4 “Aqueles que me odeiam sem causa são mais que os cabelos da minha cabeça; aqueles que procuram destruir-me, que me atacam com mentiras, são poderosos. Tenho de restituir o que não furtei”. Sl 35.19 “Não se alegrem de mim os meus inimigos gratuitos; não pisquem os olhos os que sem causa me odeiam”. (Sl 109.3-5).

Cumprimento: Jo 15.23-25 “Aquele que me odeia, odeia também o meu Pai. Se eu não tivesse feito entre eles o que nenhum outro fez, não teriam pecado. Mas agora viram, e odiaram a Mim e a meu Pai. Mas é para que se cumpra a palavra que está escrita na sua lei: Odiaram-me sem motivo”.

## 59. OUVIRIA PALAVRAS PROFÉTICAS COM ZOMBARIA

Profecia: Sl 22.8 “Confiou no Senhor, que o livre. Livre-o, pois nele tem prazer”.

Cumprimento: Mt 27.43 “Confiou em Deus. Livre-o agora se de fato o ama, pois disse: Sou Filho de Deus”.

## 60. AMIGOS SE MANTIVERAM À DISTÂNCIA

Profecia: Sl 38.11 “os meus amigos e companheiros afastam-se da minha praga, e os meus parentes ficam de longe”.

Cumprimento: Lc 23.49 “Entretanto, todos os conhecidos de Jesus e as mulheres que o tinham seguido desde a Galiléia permaneceram a contemplar de longe estas coisas”.

## 61. AS PESSOAS MENEAVAM A CABEÇA

Profecia: Sl 109.25 “Tornei-me para eles objeto de opróbrio; quando me vêem, manciam a cabeça”.

Cumprimento: Mt 27.39 “Os que iam passando blasfemavam dele, meneando a cabeça”.

## 62. OBSERVADO PELAS PESSOAS

Profecia: Sl. 22.17 “Posso contar os meus ossos; eles me estão olhando e encarando em mim”.

Cumprimento: Lc. 23.35 “O povo estava ali e a tudo observava”.

## 63. OS SOLDADOS LANÇARIAM SORTES SOBRE SUAS VESTES

Profecia: Sl 22.18 “Repartem entre si as suas vestes, e lançam sorte sobre a minha túnica”.

Cumprimento: Mc 15.24 “E eles o crucificaram. Repartindo entre si as vestes dele, lançaram sorte para ver o que cada um levaria”. (Jo 19.24).

## 64. SOFREU SEDE

Profecia: Sl 69.21 “Por alimento me deram fel e na minha sede me deram a beber vinagre”.

Cumprimento: Jo 19.28 “Depois, vendo Jesus que tudo estava consumado, para que se cumprisse a Escritura, disse: ‘Tenho sede’”.

## 65. DARIAM A ELE FEL E VINAGRE.

Profecia: Sl 69.21 “Deram-me fel por alimento, e na minha sede me deram a beber vinagre”.

Cumprimento: Jo 19.29 “Estava ali um vaso cheio de vinagre. Embeberam de vinagre uma esponja, colocaram-na numa vara de hissope e chegaram-na à sua boca”. (Mt 27.34,48).

## 66. O GRITO DE ABANDONO

Profecia: Sl 22.1 “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Porque se acham longe de minha salvação as palavras de meu bramido?”

Cumprimento: Mt 27.46 “Por volta da hora nona, clamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lama sabactâni? O que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”

## 67. ENTREGOU-SE A DEUS

Profecia: Sl 31.5 “Nas tuas mãos entrego o meu espírito; tu me remiste, Senhor, Deus da verdade”.

Cumprimento: Lc 23.46 “Então Jesus clamou em alta vós: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito! E, dito isto, expirou”.

#### 68. SEU LADO SERIA TRESPASSADO

Profecia: Zc 12.10 “E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o Espírito de graça e de súplicas. Olharão para mim, a quem trespassaram, e o prantearam como quem pranteia por um filho único, e choraram amargamente por ele, como se chora pelo primogênito”.

Cumprimento: Jo 19.34 “Contudo, um dos soldados trespassou-lhes o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água”.

#### 69. SEUS OSSOS NÃO SERIAM QUEBRADOS

Profecia: Sl 34.20 “Ele lhe preserva todos os seus ossos; sem sequer um deles será quebrado”. (Ex 12.46).

Cumprimento: Jo 19.23 “Mas, chegando-se a Jesus, e vendo-o morto não lhe quebraram as pernas”.

#### 70. TREVAS SOBRE A TERRA

Profecia: Am 8.9 “Sucederá que, naquele dia, diz o Senhor Deus, farei que o sol se ponha ao meio dia e entenebreerei a terra em dia claro”.

Cumprimento: Mt 27.45 “Desde a hora sexta até á hora nona, houve trevas sobre a terra”.

#### 71. SERIA SEPULTADO NO TÚMULO DO RICO

Profecia: Is 53.9 “Deram-lhe sepultura com os ímpios, e com o rico na sua morte, embora nunca tivesse cometido injustiças, nem houvesse engano na sua boca”.

Cumprimento: Mt 27.57-60 “Chegada a tarde, veio um homem rico de Arimatéia, chamado José que era também discípulo de Jesus. Este foi Ter com Pilatos e lhe pediu o corpo de Jesus. Então Pilatos mandou que lhe fosse entregue. E José tomando corpo envolveu-o num pano limpo de linho, e o depositou no seu sepulcro novo, que havia aberto na rocha. Rolou uma grande pedra para a entrada do sepulcro, e se retirou”.

#### PROFECIAS QUE SE CUMPRIRAM APÓS A SUA MORTE

## 72. SUA RESSURREIÇÃO

Profecia: Is 16.10 “Porque não deixarás a minha alma no inferno, permitirás que o teu Santo veja corrupção”. (Mt 16.21).

Cumprimento: Mt 28.9 “De repente Jesus lhes saiu ao encontro dizendo: Eu vos saúdo. E elas, chegando, abraçaram os seus pés, e o adoraram”. (At 2.31; Lc 24.46).

## 73. SUA ASCENÇÃO

Profecia: Sl 68.18 “Quando subiste ao alto, levaste cativo o cativo; recebestes dons dos homens, e até dos rebeldes, para que o Senhor Deus habitasse entre eles”.

Cumprimento: Lc 24.50-51 “Então Jesus os levou para Betânia levantando as mãos, os abençoou. Abençoando-os ele, apartou-se deles e foi elevado para o céu”. (At 1.9).

## 74. ASSENTADO À DESTRA DE DEUS

Profecia: Sl 110.1 “Disse o Senhor ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os meus inimigos debaixo dos teus pés”.

Cumprimento: Hb 1.3 “Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas” (Hb 12.2).

## CITAÇÕES DO ANTIGO TESTAMENTO CUMPRIDAS EM JESUS

### 1. DEUS É O ÚNICO DEUS VERDADEIRO, CUJO CONHECIMENTO É INFINITO E CUJA PALAVRA NÃO FALHA

“Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem para que se arrependa” (Nm 23.19).

### 2. O MESSIAS SERÁ PLENAMENTE RECONHECIDO COM BASE EM SUAS CREDENCIAIS

“... o qual foi por Deus outrora prometido por intermédio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras, com respeito a seu Filho, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi, e foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 1.2-4).

### 3. APELO ÀS PROFECIAS MESSIÂNICAS

“E, começando por Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras” (Lc 24.27).

“seguir Jesus lhes disse: São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco, que importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” (Lc 24.44).

“Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele”.

“Então passou Jesus a dizer-lhes: Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir”

(Lc 4.20-21).

#### O diadema do Universo

Tanto judeus como romanos sabiam que o tratamento de “Senhor” (em grego, Kurioj – Kyrios) significava um atributo da divindade. Os imperadores da época reclamavam para si este tratamento por se considerarem descendentes dos deuses, de quem haviam recebido a posição de governantes. Os cristãos reconheceram este senhorio somente ao Senhor Jesus, e, por este motivo, preferiram a perseguição ao prestarem-lhe as devidas honras. É de notar ainda que “Kyrios” figura na tradução grega do termo hebraico “Jeová” no Antigo Testamento. A sua soberania deve ser confessada pelos seus discípulos. Jesus foi exaltado e recebeu um nome soberano para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor para glória de Deus Pai (cf. Fp. 2.9-11). João ouviu todas as criaturas no céu glorificando ao Senhor (Ap. 5.13). Finalmente, viu a vitória final do Cordeiro, porque Ele é o Senhor dos senhores, e o Rei dos reis (Ap. 17.14). Jesus é, naturalmente, o Filho de Deus e, portanto, divino como Seu Pai; “porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e vós estais perfeitos nele,” confirma Paulo (Cl. 2.9). Porque Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, condenados pela lei (Gl. 4.4). Perante a acusação de transgredir o sábado respondeu que “o Filho do homem até do sábado é Senhor” (Mt. 12.8; Lc. 6.5).

Wellington Corporation